
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE

O CORPO DO TRABALHADOR

VIVIANE DOS SANTOS FERREIRA LIMA

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Instituto de
Biociências do Câmpus de Rio
Claro, Universidade Estadual
Paulista, como parte dos requisitos
para obtenção do título de Mestre
em Ciências da Motricidade.

Fevereiro – 2012

VIVIANE DOS SANTOS FERREIRA LIMA

O CORPO DO TRABALHADOR

Dissertação de Mestrado apresentado ao Instituto de
Biociências do Campus de Rio Claro,
Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho, como parte dos
requisitos para obtenção do título de
Mestre em Ciências da Motricidade.

Orientadora: Profa. Dra. Leila Marrach Basto de Albuquerque

Rio Claro
2012

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a todas as pessoas que fizeram parte da minha vida para a conquista deste momento tão esperado por mim e por todos os meus familiares e amigos: a conclusão dos estudos de pós-graduação.

Agradecerei especialmente:

À Professora Leila, minha orientadora, pelo aprendizado nesse “casamento” que tivemos nesses dois anos de Mestrado. Desde o primeiro dia, ao ingressar na pós-graduação, ela me disse: “Viviane, o Mestrado é um casamento! Tem seus conflitos, mas também, parceria, companheirismo e diálogos produtivos”. Foi isso mesmo que aprendi com toda a orientação, na convivência com ela, nos encontros com uma pessoa de extrema competência e de profundos conhecimentos no campo sociológico.

Agradeço, ainda, por ter orientado uma Professora de Educação Física à busca de investigar o corpo na perspectiva social. Juntas, nessa caminhada, oportunizamos com esta dissertação novas perspectivas na área da Educação Física.

À professora Silvia Simões, por ter feito parte desta dissertação, corrigindo, discutindo e elaborando parágrafos que ganharam mais brilho e clareza a partir do seu olhar. Recebeu-me de coração e braços abertos. Ajudou-me a aprimorar em pouco tempo a redação e a repensar algumas atitudes e valores, a partir dos quais o meu corpo já não será o mesmo.

A todos os trabalhadores da empresa em que eu ministrava aulas de Ginástica Laboral, pelo compartilhamento corajoso de experiências e histórias de vida e pela confiança em mim depositada. Nossos encontros levaram-me a desvendar nossas corporeidades,

Às professoras que compõem a banca examinadora, Profa. Dra. Beltrina da Purificação da Corte Pereira e Profa. Dra. Silvia Deutsch, por contribuírem para que minha pesquisa de campo de fato acontecesse. Suas análises revelaram uma sensibilidade que só elas têm.

Aos professores e alunos da pós-graduação da Unesp, pelas discussões acadêmicas, pelas experiências compartilhadas e pelo afeto com que fui recebida.

À minha mãe, por ter acreditado em mim e me apoiado na realização deste grande objetivo trilhado. Lembra? Mesmo distante alguns quilômetros, esteve muito presente em minha vida acadêmica. Minha conquista reflete a sua “luta” diária por dias melhores.

Ao meu pai, a quem sempre eu dizia “Está tudo bem, estou me esforçando”. Esse desafio me instigou ainda mais a obter o título de mestre.

À minha irmã, mais do que uma irmã, foi mãe, pai, família a todo instante. Sorrímos, choramos, discutimos a Psicologia, a Sociologia a Biologia, em debates fortíssimos, e nos emocionamos muito. Ela sempre esteve do meu lado, por isso minhas conquistas são suas também!

Ao meu amor, Vinícius, também muito presente, sonhando comigo a realidade de me tornar uma Mestre. Aqui sempre bem juntinho de mim, sorrindo me estimulou para que eu me sentisse melhor e vencesse as dificuldades.

Ao CNPq, pela ajuda financeira, apoio relevante para o término do Mestrado.

Obrigada.

RESUMO

Para o desenvolvimento deste estudo, convido-os a adentrar na experiência de trabalho vivida com a Ginástica Laboral, ressignificada a partir de reflexões teóricas da Sociologia. Essa experiência proporcionou olhar para o corpo do trabalhador por uma outra perspectiva teórica: a relação entre a Educação Física e as Ciências Sociais. Assim, surgiram os questionamentos de como seria esse aprendizado e essa técnica para os corpos trabalhadores e o que resultaria desses esforços na constituição de suas representações. A pesquisa foi realizada na cidade de Piracicaba, com os trabalhadores de uma industrial multinacional que não permitiu ser identificada. Eles narraram suas experiências, dando sentido à narrativa e valorizando a fala com suas experiências corporais. A problemática levantada foi compreender os corpos no aprendizado das técnicas corporais, das quais se valem para realizar seu trabalho, e identificar os movimentos corporais repetitivos, mecânicos e extenuantes que os equiparam a uma máquina de trabalho. Observamos que, na Educação Física, poucos estudos tomam como referência as Ciências Sociais para discutir o corpo do trabalhador. Muitos trabalhos dão enfoque ao corpo, considerando apenas os aspectos da Biologia, não abordando aspectos psicológicos e sociais. A leitura das fontes sociológicas mostrou uma imensa necessidade de estudar o corpo do trabalhador, para tentar compreendê-lo no desempenho de sua técnica corporal, que representava movimentos técnicos equiparados a uma máquina no labor. Foi feito um levantamento bibliográfico de alguns trabalhos, na área da Educação Física, que tinham como objeto o corpo do trabalhador. Constatamos que os estudos sobre essa temática são direcionados para área da saúde e da medicina do trabalho. Dessa forma, esta pesquisa é original, ao encontrar nos relatos dos trabalhadores a concepção de um corpo dolorido pelo trabalho, pelos impasses e percalços metodológicos, sobre os quais as Ciências Humanas e Sociais nos permitem refletir.

Palavras-chave: Corpo. Trabalho. Representações sociais. Técnicas corporais.

ABSTRACT

For this study, I invite you to enter the lived experience of working with Labor Gymnastics, new meaning based on reflections of theoretical sociology. This experience provided to look at the worker's body by another theoretical perspective: the relationship between Physical Education and Social Sciences. Thus, came the questions of how this would be learning this technique and to the bodies and employees of these efforts would result in the formation of their representations. The survey was conducted in Piracicaba, with a multinational industrial workers not allowed to be identified. They recounted their experiences, giving meaning and value to the narrative speaks to their bodily experiences. The issue raised was to understand the body in learning the physical techniques, which rely to do their job, and identify repetitive body movements, mechanical and exhausting that equate to a working machine. We note that in Physical Education, few studies take as reference the social sciences to discuss the worker's body. Many studies have gone to the body, considering only those aspects of biology, not addressing psychological and social aspects. A sociological reading of the sources showed a great need to study the worker's body to try to understand it in the performance of your body technique, representing technical moves similar to a machine at work. We conducted a literature review of some work in the area of Physical Education, which had as its object the worker's body. We note that studies on this topic are directed to health and occupational medicine. Thus, this research is unique, to find in the reports of workers to design an aching body for the work, the methodological dilemmas and difficulties, on which the humanities and social Sciences allow us to reflect.

KEYWORDS: Body. Labor. Social representations. Body techniques.

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO.....	08
Capítulo I- A PROPOSTA DE PESQUISA	15
Capítulo II- PROCEDIMENTOS METOLÓGICOS: IMPASSES E ALTERAÇÕES ..	23
Capítulo III- A EXPERIÊNCIA CORPORAL DO TRABALHADOR	28
A educação do corpo para o trabalho.	28
Capítulo IV- O TRABALHADOR E A MÁQUINA: CONTROLES E SEGURANÇA.	38
Controles e segurança.	41
Capítulo V- AS DORES NO TRABALHO E A GINÁSTICA LABORAL.	45
Capítulo VI- O TRABALHADOR RECONHECE SEU CORPO.	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	61
REFERÊNCIAS	66
ANEXO I	67
ANEXO II	69
APÊNDICE I	70
APÊNDICE II	72
APÊNDICE III	73

INTRODUÇÃO

Este relato narra minha experiência como professora de Educação Física, em uma empresa multinacional na cidade de Piracicaba, onde realizava Ginástica Laboral com os trabalhadores. Sabe aquela ginástica com que, em dez minutos, o trabalhador aquece e alonga seu corpo para iniciar o trabalho?

Durante esses poucos minutos, eles executavam movimentos de aquecimento e alongamento dos corpos, preparando as articulações e musculaturas para se movimentarem nas máquinas ou ao lado delas. Assim realizavam as técnicas de trabalho com mais eficiência, mantendo-se “acordados” e “mais dispostos” para a jornada diária.

É esse, pois, o intuito da Ginástica Laboral, conhecida como um conjunto de exercícios específicos, orientados como a Ginástica Rítmica, transmitidos pela Rádio japonesa Taissô, geralmente pela manhã, com música ao fundo. Assim, para os japoneses, tornou-se um hábito praticar esses exercícios no seu ambiente de trabalho e fora dele. Uma cultura que resultava em benefícios para a sua saúde e para o seu rendimento na fábrica (MATUURA, 1987).

Em meu trabalho como professora de Educação Física, buscava também esses resultados positivos com a Ginástica Laboral Preparatória ou Pré-aplicada, ministrando exercícios, de acordo com os movimentos corporais necessários para a função desempenhada na fábrica, de força, resistência, velocidade e coordenação motora, os quais poderiam ser aprimorados em atividades físicas fora do seu contexto de trabalho (CAÑETE, 2001).

Minhas aulas começavam bem cedo, antes do horário de trabalho da fábrica. Diariamente eu chegava alguns minutos antes para pegar materiais e a lista de chamada. Durante esse tempo, encontrava nos corredores aqueles trabalhadores que entravam para “picar o cartão ponto”. Íamos conversando e, frente a um simples olhar e um “bom dia”, já começavam minhas observações.

O setor da Costura iniciava os exercícios da Ginástica Laboral. Era um dos maiores setores da indústria, localizado em um espaço muito grande, com muitas máquinas de costura e repleto de trabalhadores entre elas. Pareciam tão pequenos do lado das máquinas industriais. Para conversar com algum deles, eu tinha que me aproximar e falar bem alto, pois o barulho das máquinas era ensurdecador. O meu

“bom dia” era quase um grito de comando para que eles pudessem me olhar e, assim, irmos até o local onde aconteciam as aulas.

Durante algum tempo, nessas minhas entradas na fábrica, eu os observava, em movimentos rápidos nas máquinas, sem que ao menos percebessem a minha chegada. Eu os via como corpos-máquina. De longe, logo olhava para aqueles trabalhadores executando seus movimentos em sintonia com a máquina sobre a qual trabalhavam diariamente. Chegava a pensar que um fazia parte do outro.

Nesse meu registro diário, ao vê-los realizando sua função, sua técnica de trabalho, meus olhos se fixavam nos corpos-máquina, que, em cada função, executavam movimentos rápidos e repetitivos, com uma técnica difícil de explicar, mas com muita destreza, eficiência e controle.

Para chamar os trabalhadores em suas máquinas, caminhava do vestiário feminino até onde eles estavam. Se ficasse esperando uma iniciativa deles, não haveria aula, já que muitos nem percebiam minha entrada porque tinham muito trabalho e /ou porque não queriam atrasar-se com o cumprimento dele.

Esse contato permitiu uma relação diferente com cada trabalhador, que me impeliu a olhar o corpo do trabalhador sob outra perspectiva. Não conseguia pensar que estava ali apenas para beneficiar a saúde do trabalhador e, conseqüentemente, aumentar a sua produtividade e o lucro da empresa. Esses são aspectos de uma preocupação da empresa e do mercado de trabalho, que aprovam a Ginástica Laboral para amenizar problemas crônicos de saúde e prevenir futuros problemas articulares e/ou musculares (CAÑETE, 2001).

Além desses benefícios. Nos poucos minutos de Ginástica Laboral ou nos momentos entre uma troca e outra de turma, conversava com os trabalhadores, diálogos curtos que despertavam em mim um querer mais, querer ouvi-los por horas. E eles relatavam suas experiências corporais no trabalho, enquanto eu atentava para ouvir e entender como pensavam seu corpo no trabalho.

Dentre tantos relatos, um destacou-se. Uma das trabalhadoras da Costura dirigia sua máquina, fazendo hora extra, segundo ela, quando se levantou rápida, assustada, no momento em que ouviu meu grito e o dos trabalhadores que, em coro, chamavam uns aos outros. Ela veio até mim, dizendo: “Nossa! Você acredita que cochilei na máquina?! Só percebi porque, ao finalizar a costura, a máquina faz um barulho alto. Daí ‘acordei’ e vi que poderia ter decepado não só um, mas todos os meus dedos”.

Depois dessa conversa, iniciamos a aula, todavia eu não conseguia parar de pensar como, nos segundos de cochilo dessa trabalhadora, suas mãos continuaram executando o mesmo movimento que sempre realizava.

Impressionante como as vivências corporais dos trabalhadores mexeram comigo! A riqueza da linguagem dos corpos em seu trabalho era imensa. Enquanto a trabalhadora descrevia o que lhe tinha acontecido, eu observava seu nítido cansaço, seus ombros que pareciam carregar pesos a mais do que seu corpo aguentaria.

Essas conversas estimulavam-me a chegar mais cedo para observar o trabalho de cada trabalhador em sua função. Vi trabalhadores ajoelhados em uma mesma posição por horas. Saía daquele setor e, ao voltar, para ir embora, olhava e eles estavam ali ainda ajoelhados, numa postura que teriam que ficar por horas para realizar sua técnica de trabalho.

Outra técnica de trabalho também me chamou a atenção. Um trabalhador, sentado, segurava um instrumento de trabalho com o braço flexionado e levemente elevado, mas sem apoio. Enquanto ele permanecia nessa posição cerca de uns quarenta minutos, a máquina ia e voltava em cima do seu apoio de braço. Perguntava para mim e para ele como conseguia ficar tanto tempo com o braço em contração. E a fadiga muscular? Como ele se sentia realizando aquele gesto corporal estático, sem poder se movimentar para não ocasionar falhas?

Todas essas experiências corporais que eu pude observar me fizeram olhar o corpo do trabalhador com mais sensibilidade. Procurei entender o corpo que vai além do seu limite no trabalho, que se desafia em suas técnicas corporais. Para produzir e render para a empresa ele o realiza, sem nem saber muitas vezes como faz, mas ele o faz!

As aulas de Ginástica Laboral não constituíam atividades obrigatórias nessa fábrica, mesmo assim eu fazia chamada, como me era solicitado. Particularmente, sentia que alguns se exercitavam, na expectativa de que a fábrica reconhecesse de alguma forma a participação, enquanto outros se ausentavam da Ginástica para não parar o trabalho, conforme me afirmavam.

Acredito que conquistei alguns trabalhadores, que se empenharam em fazer as aulas pelo benefício da Ginástica Laboral, pois a empresa destacava esses benefícios e os disponibilizava como uma forma de melhora para o corpo do trabalhador em prol de sua saúde. Esse era o discurso da indústria, que refletia uma

preocupação da modernidade em relação ao trato com o corpo em busca de qualidade de vida. Mas também observava que muitos deles sentiam que eu olhava o corpo de cada trabalhador sob outra ótica, ouvindo cada história, cada vivência, cada prática corporal e cada relato de suas experiências dentro da fábrica.

Não posso deixar de falar de alguns trabalhadores, principalmente uma trabalhadora que não participava de nenhuma aula, mesmo gostando de conversar comigo. A mais velha de um dos setores e da empresa também, ela chegava antes do seu horário de trabalho e relatava suas experiências. Eu chegava de quinze a dez minutos antes da aula, encontrávamo-nos já na entrada da fábrica. Ao chegar ao setor de trabalho nossa conversa de minutos mostrava as marcas impressas no corpo dessa trabalhadora, signos e símbolos que me inquietavam no dia-a-dia.

O relato da sua técnica de trabalho foi o mais marcante. Na costura, ela realizava uma técnica que lhe foi transmitida ao ser admitida na fábrica, mas com o tempo, e para ser mais rápida com o gesto corporal que realizava, ela mesma criou uma outra maneira, ou seja, uma outra técnica de trabalho para aumentar seu rendimento. Os seus superiores adoraram e começaram a utilizar essa técnica, mais eficiente e produtiva, e ela passou a ensinar a todos. Pela inovação, ganhou, então, um prêmio, apenas naquele mês e nada mais. Suas palavras finais foram: “Pra que fiz tudo isso? Nem valorizada fui; hoje quero me aposentar, preciso da ajuda deles e nada”.

Independente da função atribuída, os corpos desses trabalhadores realizavam seus gestos com eficácia, produziam e rendiam o que a empresa colocava como meta para eles cumprirem e, no final do dia, terem atendido o pedido solicitado pelo cliente.

Em um dos setores de trabalho, tive dificuldade em compreender como os trabalhadores conseguiam atuar naquelas condições e mesmo como eu poderia dar aulas ali. O local de trabalho tinha que permanecer fechado e, ao entrar, já sentia um desconforto muito grande, porque a temperatura ficava bem acima do normal para termoaquecer. Mesmo assim eu realizava minhas aulas.

Posso dizer que é difícil passar oito horas trabalhando com a temperatura alta. Eu, nos dez minutos em que permanecia no setor, tinha dificuldades para respirar e quando questionava os trabalhadores, mais uma vez ouvia: “Estamos acostumados com a temperatura!”

Minhas reflexões, neste trabalho, buscam compreender a concepção corporal de trabalhadores que dizem estar acostumados com uma função que exige seus corpos em movimentos durante horas, no mesmo local, sob as mesmas condições e que não sabem nem explicar como fazem, apenas fazem! A técnica de trabalho de cada um deles na indústria demonstra suas vivências corporais, o aprendizado dos seus gestos, a disciplina, controle, prática, treinamento, seu *habitus* corporal.

Como professora de Educação Física, fui buscar nas reflexões sociológicas as bases teóricas para compreender o espaço social desses trabalhadores, identificando o *habitus* construído por eles e, dessa forma, conhecendo melhor a construção do corpo de cada um. As leituras enriqueceram-me a percepção para observar a posição de cada corpo no seu contexto social, a gestualidade, as práticas e suas representações. Por isso senti a imensa necessidade de buscar decifrar esse corpo no trabalho.

Nesse processo de pensar a perspectiva sociológica atrelada ao meu olhar dentro da fábrica e de procurar entender quem são esses corpos no trabalho, mergulhei nas fontes sociológicas, estudando o conceito de *habitus*. Passei a compreender os condicionamentos sociais, as escolhas que se dão pelo gosto, pelas diferentes opiniões, as posturas, as técnicas e práticas corporais, as manifestações, as preferências, as vestimentas, o modo de sentar e de falar, sendo que esses classificam e constroem o trabalhador (BOURDIEU, 1990).

Frente às manifestações corporais dos trabalhadores, fui ampliando as perspectivas para além do corpo do trabalhador que a área da Educação Física, especificamente na Ginástica Laboral me mostrava. Fui observando a construção social do corpo trabalhador.

Inserindo-me no dia-a-dia de trabalho deles, observava exatamente suas manifestações e expressões corporais, como esquemas de classificação, segundo Bourdieu (1990). Estava dentro da fábrica, no contexto social dos trabalhadores, percebendo que os corpos trabalhadores podem se constituir no trabalho.

Ao vê-los realizando movimentos estritamente análogos a uma máquina, equiparava os corpos trabalhadores também a uma máquina industrial, representados diante da postura e da prática corporal realizadas. Essas observações subsidiaram a reflexão sobre os corpos-máquina, inquietando-me ao ouvir os relatos de trabalhadores sobre suas vivências e técnicas corporais. Imaginava impossibilidades que encontravam para que pensassem em si mesmos;

afinal a sociedade industrial, muitas vezes, veta essa condição aos corpos máquinas (KEHL, 2003).

Ancorada nas reflexões teóricas de Bourdieu, eu percebia o mundo social dos trabalhadores, a sua prática corporal ao realizar sua técnica de trabalho, os gestos corporais, o corpo do trabalhador concentrado na sua função, como uma máquina industrial que só parava seus movimentos ao “desligá-los”, por ordem do superior ou para cumprir a hora de almoço.

Nesse sentido, o trabalhador passava a exercer um controle sobre seu corpo, para um máximo rendimento, em consonância com a imposição da empresa sobre a necessidade de maior rendimento e de maior produção. Mas o controle do seu próprio corpo, nos dias de hoje, tem uma dimensão que vai além das minhas iniciais reflexões.

Os corpos trabalhadores deixavam até de participar das aulas de Ginástica Laboral para permanecerem lado das máquinas, que não paravam. Muitas vezes se alimentavam rapidamente, ou então, não se alimentavam. Assim refletia sobre a maneira como um corpo se submetia ao trabalho de uma forma “descontrolada”, para ser tão eficiente e produtivo, que acabava esquecendo a própria vitalidade.

Com as revoluções industriais, os corpos foram submetidos a um ritmo mais ou menos uniforme, e o tempo social padronizado substituiu rapidamente o tempo dos ciclos vitais. Desenvolvemos uma capacidade sem precedentes de controlar o ritmo do corpo – sono, fome, carências afetivas e sexuais estão automaticamente submetidos à conveniências do tempo social. A contemplação deixou de fazer sentido. O ócio nos aflige, somos compelidos a “otimizar” os momentos vazios, transformá-los em trabalho ou em consumo de lazer (KEHL, 2003, p. 257).

Assim, este meu breve relato retrata minha vivência no contexto social de uma indústria, observando o corpo do trabalhador, desde seu trabalho com uma técnica corporal específica, até suas manifestações corporais nas práticas da Ginástica Laboral. Essa percepção, devo enfatizar, deve-se ao fato de atuar como professora de Educação Física, sim, mas com um olhar direcionado às Ciências Sociais! Por isso foi relevante ouvir e descrever cada experiência corporal dos trabalhadores, para os quais olhei e perguntei sobre cada gesto corporal e técnica

de trabalho. Nessa perspectiva, busquei compreender o corpo do trabalhador e suas representações sociais.

Capítulo I - PROPOSTA DE PESQUISA

Como ponto inicial para o desenvolvimento deste estudo, convidamos o leitor a adentrar na experiência de trabalho vivida com as aulas de Ginástica Laboral, ressignificada a partir de reflexões teóricas da Sociologia. Essa experiência proporcionou-nos a oportunidade de olhar para o corpo do trabalhador através de uma outra perspectiva teórica: a relação entre a Educação Física e as Ciências Sociais.

Assim, procurando subsídios teóricos que abordassem o corpo do trabalhador através do olhar sociológico, verificamos a escassez de trabalhos sobre esse tema no âmbito dos estudos da Educação Física. O levantamento do referencial teórico foi realizado no portal da Capes, Scielo e Google acadêmico, onde encontramos trabalhos acadêmicos sobre Ginástica Laboral que tratam o corpo nos aspectos de saúde, ergonomia e de prevenção de dores articulares e posturais.

Pesquisamos, ainda, em outras áreas do conhecimento, a temática ‘o corpo do trabalhador’ para sabermos como esse assunto vem sendo tratado atualmente. Encontramos muitos estudos que abordavam o trabalhador no setor de construção civil, além de outros referentes à medicina e à segurança do trabalho.

Observamos que, na Educação Física, muitos trabalhos dão enfoque ao corpo, considerando apenas os aspectos da Biologia. Poucos estudos tomam como referência as Ciências Sociais para discutir o corpo do trabalhador, abordando aspectos psicológicos e sociais, como a dissertação da Deustch (1991), em que apresenta a correlação entre a atitude dos trabalhadores de uma indústria têxtil em relação à prática da atividade física no tempo livre, considerando fatores da atitude e do comportamento como influenciadores.

A ausência de trabalhos acadêmicos nessa linha de pesquisa conduziu nosso olhar, na presente dissertação, para uma abordagem sociológica. Dessa forma, as aulas de Ginástica Laboral, ministradas em uma empresa na cidade de Piracicaba, tiveram o intuito de aquecer os corpos dos trabalhadores para o labor, prevenindo problemas articulares e musculares futuros e, conseqüentemente, garantindo um melhor rendimento. Por outro lado, amparados pela experiência com a Ginástica Laboral e por estudos teóricos sociológicos, alguns questionamentos nos

propiciaram observar e pensar os corpos, não só para uma maior eficiência, como também para buscar compreendê-lo no trabalho e nas suas representações sociais.

As experiências corporais dos trabalhadores expressam-se em representações de corpos intimamente ligadas ao mundo do trabalho, a partir de movimentos específicos executados de acordo com sua função específica. O controle do mercado de trabalho, do chefe, dos movimentos, do próprio corpo leva a um autocontrole, fator próprio da cultura industrial.

A cultura industrial é, assim, representada pelos corpos dos trabalhadores, expressando o *habitus* corporal que adquirem no trabalho ao executarem os movimentos padronizados, seguindo as imposições da empresa e do mercado de trabalho. O *habitus* do corpo do trabalhador é, dessa forma, um conjunto de práticas corporais segundo o sistema e a organização de trabalho.

Assim, as representações dos agentes variam segundo sua posição (e os interesses que estão associados a ela) e segundo seu *habitus* como sistema de esquemas de percepção e apreciação, como estruturas cognitivas e avaliatórias que eles adquirem através da experiência durável de uma posição do mundo social. O *habitus* é ao mesmo tempo um sistema de esquemas de produção de práticas e um sistema de esquemas de percepção e apreciação das práticas. E, nos dois casos, suas operações exprimem a posição social em que foi construído (BOURDIEU, 1990 p. 158).

Para entendermos a obediência dos corpos em torno de um sistema de práticas corporais, foram relevantes, também, os estudos do sociólogo Norbert Elias, que nos direcionaram a conhecer o rigor na conduta dos movimentos corporais, bem como o controle e o autocontrole corporal, característicos de um processo histórico que condiciona tais movimentos.

Elias, ao escrever sobre o processo civilizador, ressalta a importância de nossas vivências coletivas, da relação de interdependência e dependência inerente ao nosso viver em sociedade. Assim, cada indivíduo desempenha sua função social em sintonia com o outro e dele depende para desenvolvê-la, o que demonstra, também, o controle dos corpos nessa teia social.

A teia de ações tomou-se tão complexa e extensa, o esforço necessário para comportar-se “corretamente”, dentro dela ficou tão

grande que além do autocontrole consciente do indivíduo, um cego aparelho automático de autocontrole foi firmemente estabelecido. Esse mecanismo visava a prevenir transgressões do comportamento socialmente aceitável mediante uma muralha de medos profundamente arraigados, mas, precisamente porque operava cegamente e pelo hábito, ele, com frequência, indiretamente produzia colisões com a realidade social. Mas fosse consciente ou inconscientemente, a direito dessa transformação da conduta, sob a forma de uma regulação crescentemente diferenciada de impulsos, era determinada pela direção do processo de diferenciação social, pela progressiva divisão de funções e pelo crescimento de cadeias de interdependência nas quais, direta ou indiretamente, cada impulso, cada ação do indivíduo tornavam-se integrados (ELIAS, 1994, p. 196).

Historicamente, cada indivíduo, ao exercer suas funções, organiza e redimensiona a teia social. Nesse sentido, as configurações humanas definem-se a partir da força física, que lhes determina a estabilidade, o autocontrole embutidos em cada indivíduo e na decisão diante das pressões. Esses são alguns dos traços do processo civilizador que marcam os corpos, condicionando-os e constituindo-os.

Nesse sentido, o controle corporal expressa um processo histórico de controle, condicionado por características que Elias (1994, p. 143) define como o processo civilizador. Assim, o rigor na conduta dos seres humanos condiz com o condicionamento exercido sobre as crianças pelos adultos, seguindo uma tradição familiar, e resultante de padrões de comportamento e conduta impostos por uma classe social dominante.

Tanto o tipo como o grau de controle correspondem à posição daqueles em cuja companhia está. Isto muda lentamente, à medida que as pessoas se aproximam mais socialmente e se torna menos rígido o caráter hierárquico da sociedade. Aumentando a interdependência com a elevação da divisão do trabalho, todos se tornam cada vez mais dependentes dos demais, os de alta categoria social dos socialmente inferiores e mais fracos. Estes últimos tornam-se a tal ponto iguais aos primeiros que eles, os socialmente superiores, sentem vergonha até mesmo de seus inferiores. Só nesse momento é que a armadura dos controles é vestida em um grau aceito como natural nas sociedades democráticas industrializadas. (ELIAS, 1994, p. 143)

Respeitando o processo civilizador e a ordem social, os corpos dos trabalhadores são constituídos dentro de seu espaço social, a indústria. E cada vez

mais dependentes uns dos outros na teia social, aceitam um controle exercido pelos “dominantes” e agem de acordo com as normas e conduta, reveladas, por entre os movimentos e gestos corporais realizados na fábrica, e internalizadas, mecanizadas, automatizadas, sendo aceitas como processo natural. (ELIAS, 1994, p. 144).

A automatização dos movimentos corporais dentro da fábrica são naturalizados, como “uma segunda natureza”, diz Elias (1994). No interior das indústrias, cada trabalhador molda seu comportamento de acordo com o que é estabelecido pelo espaço social, bem como por vezes o próprio reprime suas emoções, para não se confrontar com o outro em seu ambiente de trabalho e, assim, não prejudicar as suas relações de interdependência social.

Desse modo, tais corpos representam a cultura e a sociedade, no momento em que manifestam a técnica corporal do trabalhador, específica para sua função, ao disputarem um espaço no mercado ou uma superioridade na competição mercadológica.

A leitura das fontes sociológicas mostrou uma imensa necessidade de estudar o corpo do trabalhador, para tentar compreendê-lo no desempenho de sua técnica corporal, representada por movimentos técnicos equiparados a uma máquina no labor. Assim, segundo Mauss (1974, p. 217), “o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. O mais exatamente, sem falar de instrumento, o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem, é seu corpo”. A propriedade desse recorte não se restringe unicamente ao nosso objeto de estudo, mas atende a muitas das questões do campo da motricidade humana.

A partir da necessidade de compreender os corpos, fizemos um levantamento bibliográfico de alguns trabalhos, na área da Educação Física, que tinham como objeto o corpo do trabalhador. Constatamos que muitos dos estudos específicos de Ginástica Laboral possuem referenciais teóricos com abordagens na área da saúde. As pesquisas estão direcionadas para a questão de prevenção e medicina do trabalho, preocupando-se com os corpos apenas na perspectiva do bem-estar, com a finalidade de responder a uma melhor qualidade para melhores rendimentos na produção.

Assim, com os diálogos postulados das Ciências Sociais, a pesquisa foi ancorada em autores que nos fizeram refletir o corpo do trabalhador na modernidade. Barato (2004), educador do SENAC (São Paulo), a partir de suas experiências pedagógicas, observou o ‘saber fazer’ dos trabalhadores no

aprendizado das técnicas de trabalho, isto é, que o “fazer conduz a um saber”. Bordieu (1990 e 2006) contribuiu com o conceito de *habitus*, que procura entender as manifestações e gestos dos corpos dos trabalhadores diante de suas vivências corporais com o coletivo no seu espaço social e simbólico. Elias (1994) esclareceu o controle e o autocontrole dos corpos no processo civilizador.

Também Martins (1999), com os relatos de trabalhadores de zona rural entrevistados em sua pesquisa, apontou, pelas falas, a concepção de corpo por eles construída. Mauss (1974), chamando a atenção para o corpo como instrumento dele mesmo, referiu-se à técnica corporal, desde o processo de aprendizado, de imitação e reprodução dos movimentos corporais até o rendimento. Rodrigues (2005) foi o primeiro antropólogo a tratar de questões do corpo em seus aspectos orgânicos e sociais, para que pudéssemos entender como os corpos são construídos socialmente. Boltanski (1989), um outro sociólogo do corpo, aborda em sua obra a relação de distanciamento das classe sociais de médico e paciente, o que torna diferente o entendimento do discurso científico pelo paciente, que tem internalizadas crenças e conhecimentos do senso comum.

Desse modo, apoiamo-nos, principalmente nessas reflexões e estudos para compreender como o corpo é experimentado pelo trabalhador. Devemos ressaltar, dessa forma, a importância de todos esses autores que trouxeram muitas contribuições não só para este trabalho, mas para outros que poderão ser trabalhados e abordados em outras temáticas no campo da Educação Física, estimulando novas pesquisas, sem receios, sem medos de compreender esse nosso objeto de estudo, que é o corpo.

Para pesquisarmos sobre esse corpo em movimento, precisamos conhecer quem é esse corpo, como ele se constitui no espaço, na realidade social em que ele vive, seus gestos, comportamentos, condutas, manifestações, expressões e técnicas corporais que ele representa socialmente e que não conhecemos. Há que se refletir sobre esse corpo, construído por outras experiências e vivências, que o marcaram e que foram ressignificadas.

Pretendemos contribuir para o campo da Educação Física, ao entender que os trabalhadores têm sua concepção de corpo manifestada pelos seus gestos e técnicas corporais. Essa preocupação pode ser observada pelo trabalhador na eficiência de seu trabalho, e é nela que mergulhamos cuidadosamente para compreender esse corpo. Essa concepção considera além do âmbito da qualidade

de vida e do bem-estar físico, para levar à reflexão sobre a condição social desse corpo. Abrem-se as portas para novas pesquisas que pensem a construção do corpo do trabalhador como objeto de estudo, ampliando a área da Educação Física e procurando dar maior dignidade ao trabalhador.

Hipóteses

Os corpos-máquina procuram executar seus movimentos cada vez mais rápidos, de forma automática, mecânica, equiparando-se a uma máquina industrial, de modo a se considerar e ser considerado, ao final do dia, um corpo produtivo, eficiente, disciplinado, obtendo um rendimento de acordo com o que é imposto pelo mercado de trabalho.

Todo esse controle corporal para atribuir eficiência equivalente a uma máquina impõe aos corpos um aprendizado e uma técnica corporal compatível com as exigências do rendimento. Assim, essas observações levaram a questionamentos de como seria esse aprendizado e essa técnica para os corpos trabalhadores. E ainda, o que resultaria desses esforços na constituição de suas representações.

Ao chamar a atenção para as técnicas corporais, Mauss (1974, p. 217) faz pensar o corpo e suas representações, ressaltando que não se deve considerar que haja técnica corporal apenas quando há instrumento:

Chamo de técnica um ato *tradicional eficaz* (e vejam que, nisto, não difere do ato mágico, religioso, simbólico). É preciso que seja *tradicional e eficaz*. Não há técnica e tampouco transmissão se não há tradição. É nisso que o homem se distingue sobretudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral.

Nessa perspectiva, a técnica corporal do trabalhador é necessária e eficaz para o rendimento da empresa, que não consegue substituir a contento um corpo trabalhador por outro igualmente treinado. Ao ser afastado um trabalhador, que está na mesma função há algum tempo, todos se preocupam em “tentar” realizar o mesmo trabalho, adestrando seu corpo para movimentos similares. No entanto não conseguem substituí-lo, como fariam com uma máquina que se quebra. Percebe-se, que, mesmo aprendendo a realizar a mesma função, a técnica não é tão eficaz ou não é a mesma.

Por isso os trabalhadores usam seu corpo de modo a serem mais eficazes. Mesmo doentes, com atestado médico e precisando se ausentar do trabalho, muitas vezes não se afastam por todo o período recomendado pelo médico, visto que a ausência por alguns dias significa para eles uma redução, ou seja, menor eficácia na produção fabril. Assim, o discurso médico não convence o trabalhador, porque acredita que os dias de afastamento comprometerão seu desempenho. Diante disso, o corpo reinterpreta a doença e mantém-se aparentemente bem para realizar a técnica; sente dores, mas ao pensar na dimensão social do trabalho, continua a usar o corpo com a mesma intensidade.

Se é assim, as regras que nas classes populares organizam a relação dos indivíduos e seus corpos e que, quando presentes à consciência, aparecem apenas sob a forma de regras de moral, têm talvez uma função de regulação com o fim de impedir aqueles, que coagidos pela sua condição econômica, utilizam intensamente o corpo, a estabelecerem uma relação reflexiva e consciente com o corpo, porque a instauração de tal relação não poderia ter outro efeito senão o de diminuir a resistência que são capazes de opor ao corpo, e portanto reduzir em qualidade e quantidade o trabalho que este fornece (BOLTANSKI, 1989, p. 168).

O processo industrial impõe que os corpos precisam render mais para o trabalhador ter mais financeiramente, para continuar inserido no mercado de trabalho e para enfrentar esse mesmo mercado de trabalho cada vez mais excludente. Nesse momento, essas questões do trato com o corpo são levantadas.

Nesse sentido, essa problemática tornou-se relevante, no presente estudo, a partir das observações feitas na empresa em que trabalhávamos com a Ginástica Laboral.

Repensando essa experiência, sob os olhares da Sociologia, criou-se a possibilidade de uma nova percepção do corpo dos trabalhadores, não os entendendo como homens-máquina no trabalho que precisam render para atender à demanda do mercado, mas como seres humanos. Essas nossas inquietações em relação à compreensão dos corpos no trabalho encontraram amparo teórico no campo das Ciências Sociais.

Portanto essa perspectiva de corpo do trabalhador, pouco abordada em trabalhos científicos do campo da Educação Física, será o ponto da minha investigação nesta pesquisa, deixando de lado temas mais rotineiros na área da

saúde, porque já são encontrados em trabalhos referentes à Ginástica Laboral e à Educação Física que retratam o corpo em seu aspecto biológico.

Resgatando a experiência com Ginástica Laboral, que permitiu a análise do corpo trabalhador, este estudo tem por foco a compreensão desse corpo no aprendizado das técnicas corporais, das quais ele se vale para realizar seu trabalho, bem como o entendimento das representações sociais dele.

Esperamos identificar os movimentos corporais repetitivos, mecânicos e extenuantes que os equiparam a uma máquina de trabalho, além de compreender o aprendizado da técnica desenvolvida na sua função, dos gestos e comportamento. E, ainda, entender como o corpo se expressa no trabalho produtivo e eficiente para a empresa. Na representação social desse corpo, submisso à ordem e ao sistema social, criam-se atores sociais, controlados e autocontrolados pela dimensão do trabalho internalizada pelo próprio corpo.

Capítulo II - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: IMPASSES E ALTERAÇÕES

A aplicação da pesquisa aconteceu na cidade de Piracicaba/SP, em uma empresa multinacional que faz parte do polo industrial da cidade, localizada em uma região de grandes indústrias.

Para conhecermos um pouco do contexto de Piracicaba, buscamos, na literatura, a história da cidade:

Piracicaba, cujo nome indígena quer dizer “lugar onde o peixe para, ajunta, chega e passa”, é um município bastante antigo no Estado de São Paulo. Sua história vem sendo contada desde o primeiro início do século XVIII, ainda durante o ciclo do ouro. Também é um dos lugares onde o cultivo da cana encontrou impulso para o crescimento. No decorrer do século XIX e no início do século XX, à medida em que esta cultura se consolidava, o município definia mais fortemente o seu perfil açucareiro. Mesmo durante a passagem do café pela região, a cana-de-açúcar não deixou de ser cultivada (TERCI, 2001, p. 134 a 135).

A cidade de Piracicaba, nos anos 30, assistiu a um processo de êxodo rural, concentrando essa população na área urbana, que passou por mudanças econômicas, sociais e políticas. Nesse período, aconteceu a expansão industrial:

A economia açucareira paulista, dos anos 30 aos 60, passou por um período de grande expansão. As usinas paulistas viveram um processo de modernização amparado pelo surto de industrialização de São Paulo, que colocava a sua disposição máquinas, equipamentos e serviços de assistência técnica (TERCI, 2001, p. 135).

Com o crescimento das indústrias da cidade, as empresas foram se constituindo em uma região industrial, em que se concentraram as maiores fábricas.

A empresa em que ministrávamos Ginástica Laboral tem suas atividades voltadas para o setor têxtil, o qual tem se destacado nesse complexo industrial da

região¹. A indústria trabalha com a fabricação de vestimentas para tecidos industriais e máquinas de papel. As etapas envolvem processos de tecelagem, termofixação, costura e acabamento. Esses processos correspondem, no interior da empresa, a setores de trabalho que foram atendidos na trajetória desenvolvida durante as aulas de Ginástica Laboral, além da área administrativa e de recursos humanos, também participantes das atividades.

A empresa terceirizava os serviços da Ginástica Laboral, já que considerava um benefício importante para a saúde do trabalhador. Essa atividade era ministrada por professores de Educação Física, durante quatro dias da semana, antes do horário de início do trabalho diário.

Não identificaremos a empresa, porque a entrada na fábrica não foi autorizada, bem como não poderemos retratar os corpos dos trabalhadores no seu cotidiano fabril. Quando havia o vínculo empregatício com a empresa, foi-nos informado que, num momento mais à frente, retornaria o contato para a realização da pesquisa. Mas, ao buscar a autorização algum tempo depois, não conseguimos. A gerente administrativa, contratada recentemente, mostrou-se clara ao perguntar: “Vocês irão desenvolver o trabalho de Ergonomia?”

Com a resposta negativa, ela deixou explícito que “não poderia autorizar a pesquisa, pois o regimento interno não permitia”.

Podemos pensar que, se o trabalho fosse voltado para Ergonomia, levando ao corpo do trabalhador benefícios à sua saúde, a autorização poderia ter sido concedida? Acreditamos que sim. A nova gerente administrativa parecia querer “mostrar seu trabalho”, centrando seus objetivos em discurso utilitário de benefícios para a empresa. Quando teve acesso a este projeto, voltado para a análise sociológica do corpo do trabalhador, houve uma reversão de atitudes, que culminou com a falta de autorização para o início da pesquisa.

A pesquisa de campo, nesse primeiro momento, passou por um impasse, tomando, assim, outra direção, fazendo-nos buscar o contato dos trabalhadores fora da empresa, ou melhor, na calçada em frente à porta de entrada da indústria, no momento de descanso deles. Mesmo dessa forma, a comunicação com os trabalhadores não foi permitida. As câmeras na guarita chamaram a atenção dos

¹ Informação disponível pela empresa multinacional, que optou pela não identificação.

guardas que me alertaram sobre a necessidade de aviso ao setor administrativo e de recursos humanos.

E, mais uma vez, a gerente administrativa não deixou a pesquisa ser desenvolvida. Sem diálogo, apenas orientou os guardas para que “pedissem para a professora Viviane retirar-se do local, porque a pesquisa não havia sido autorizada”.

Tivemos que pensar em uma outra estratégia para chegar aos trabalhadores dessa empresa e o caminho foi encontrá-los pela rede social. O Orkut e o Facebook foram os primeiros contatos para obter o número do telefone e do celular e, então, marcar a entrevista num espaço fora da fábrica. Assim desenvolvemos a pesquisa de campo com os trabalhadores.

A partir das alterações feitas com a não permissão de nossa entrada na fábrica, tivemos que restringir a coleta de dados e a entrevista. A procura foi incansável e árdua até encontrarmos o número adequado de trabalhadores para dar início à pesquisa de campo. Alguns deles justificaram não poder contribuir para a entrevista porque estavam com dificuldades pessoais.

Conseguimos selecionar dos setores da produção 4 trabalhadores, sendo 3 do primeiro turno e 1 do terceiro turno, dentre aqueles que consentiram em participar da pesquisa. A empresa possui os setores de processos de tecelagem, termofixação, costura e acabamento em três turnos de trabalho: manhã, tarde e noite. Optamos por não selecionar o turno da tarde, visto que ele não difere muito do primeiro. Já a escolha pelo noturno se deu porque esse turno implica outras exigências do corpo, o horário demanda uma outra rotina de vida, que se expressa com maior clareza no corpo.

Para a seleção dos entrevistados foram levados em conta o setor de produção e o turno selecionado daqueles trabalhadores maiores de idade, disponíveis como voluntários para a realização da pesquisa.

Antes da coleta de dados, realizamos uma pesquisa-piloto com um outro trabalhador, que se disponibilizou para a realização de um teste, necessário para nossa validação do questionário sócio cultural e do roteiro de entrevista narrativa a serem realizados com os participantes da pesquisa.

Para o trabalho de campo, coletamos, então, os dados dos trabalhadores, aplicando o questionário (Anexo I), que permitiu identificarmos as características socioeconômicas da população estudada.

Conhecemos, então, um pouco da realidade social dos trabalhadores dessa empresa, na cidade de Piracicaba, que participaram da pesquisa de campo. Podemos dizer que dois têm idade entre 29 a 38 anos; um entre 39 a 48 anos e um entre 49 a 58 anos. São duas trabalhadoras, identificadas, no presente estudo, como “informante C” e “informante K” e dois trabalhadores, definidos como “informante G” e “informante J”. As duas mulheres atuam no setor da Costura, sendo uma do primeiro turno e a outra do terceiro turno e os dois homens, do primeiro turno, do setor de Termofixação.

A função que cada um deles exercia na empresa não foi aprendida em sua ocupação anterior, visto que esses trabalhadores desempenhavam anteriormente outras funções.

Em relação à escolaridade, os trabalhadores possuem Ensino Médio completo, apenas um deles não concluiu o Ensino Fundamental.

São trabalhadores que moram com suas famílias em casa própria ou cedida pelos pais, sendo que três são casados e um solteiro. Dois seguem a religião católica e os outros dois, a evangélica.

Nesse trabalho de pesquisa, conseguimos entrevistar trabalhadores com bastante tempo de empresa: três deles estão de 8 a 15 anos nessa fábrica e um ali trabalha há 26 anos, tendo conquistado uma boa posição econômica.

Assim, caracterizamos o grupo de trabalhadores em seu aspecto social, através do Questionário sócio cultural aplicado na pesquisa de campo, identificando os trabalhadores da empresa multinacional da cidade de Piracicaba

Paralelamente a esse levantamento, iriam ser feitas filmagens dos entrevistados no contexto de trabalho, detalhando os gestos e movimentos dos seus corpos. Porém, como não foi concedida nossa entrada na empresa, as filmagens não ocorreram e mais uma vez nossa pesquisa de campo se limitou, embora enriquecida pelos encontros fora do contexto industrial.

Os primeiros procedimentos foram buscar pela bibliografia tanto da temática pesquisada quanto da cidade de Piracicaba/SP, com fins de contextualização da realidade social do grupo e dos setores de produção.

Outro momento da pesquisa realizou-se com o roteiro de entrevista narrativa (Anexo II), construído a partir da experiência vivida com esses trabalhadores no contexto fabril. Dentre aqueles que se disponibilizaram a nos encontrar e aqueles com os quais conseguimos contato virtual, foram selecionados os mais

representativos para a entrevista narrativa. Dessa forma, os trabalhadores forneceram elementos constitutivos das representações que fazem de seus corpos.

A entrevista narrativa (daqui em diante, EN) tem em vista uma situação que encoraje e estimule um entrevistado (que na EN é chamado um “informante”) a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social [...] (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 93).

Os participantes da pesquisa narraram suas experiências, dando sentido à narrativa e valorizando sua fala ao narrar suas experiências corporais. A partir das suas histórias, obtivemos dados, os quais passaram por uma conversão em forma de transcrição.

Após as transcrições, o foco voltou-se para a experiência de trabalho e para as representações contidas na narrativa, na descrição dos movimentos corporais e de seu comportamento no dia-a-dia da fábrica e na percepção do seu corpo no trabalho.

Como Jovchelovitch & Bauer (2002, p.109) destacam:

Nós pensamos que é importante refutar alguns excessos recentes que exageram a autonomia da narrativa, do texto e da interpretação, enquanto minimizavam o mundo objetivo. Mas nós também pensamos que é crucial levar em consideração a dimensão expressiva de toda peça narrativa, independente de sua referência ao que acontece na realidade. De fato, as próprias narrativas, mesmo quando produzem distorção, são parte de um mundo de fatos; elas são factuais e assim devem ser consideradas.

As narrativas, distorcidas ou não, carregavam experiências vivenciadas pelo corpo, que podiam ser representadas pelo jeito de falar e pelas expressões corporais manifestadas. Durante a fala dos trabalhadores observamos como seu corpo se expressava ao narrar sua experiência corporal, por isso consideramos relevante identificar algumas dessas expressões na transcrição do texto.

Com o conteúdo das narrativas, os dados foram qualificados com base na revisão de literatura, ao atrelarmos as falas e expressões corporais mais significativas dos trabalhadores às reflexões sociológicas. Procuramos, assim, descrever e compreender as representações dos corpos dos trabalhadores à luz das contribuições teóricas das Ciências Sociais.

Capítulo III - A EXPERIÊNCIA CORPORAL DO TRABALHADOR

Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir
A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir
Por me deixar respirar, por me deixar existir,
Deus lhe pague
Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir
Pela fumaça e a desgraça, que a gente tem que tossir
Pelos andaimes pingentes que a gente tem que cair,
Deus lhe pague
Pela mulher carpideira pra nos louvar e cuspir
E pelas moscas bicheiras a nos beijar e cobrir
E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir,
Deus lhe pague

(A construção – Chico Buarque).

Lidar com o corpo no trabalho obriga a encarar manifestações corporais do ser humano frente à ordem social, possibilitando-nos relacioná-lo com a sociedade de maneira singular. Desse modo, é preciso inserir-se a história do corpo, por meio da observação dos hábitos, como recurso necessário para compreensão de sua construção enquanto corporeidade.

Os corpos internalizam tudo aquilo que é vivido em nossa sociedade. Dependendo da posição em que estão inseridos, muitas vezes não se dão conta de que são parte da sociedade, e que atuam em sua construção.

(...) sendo em grande medida uma construção social, o corpo humano apresenta características dos fenômenos culturais. Principalmente, ele é relativo: varia entre as sociedades e, dentro de cada uma delas, segundo os grupos, segundo os indivíduos, segundo os contextos e de acordo com vários momentos das biografias (RODRIGUES, p. 171, 2005).

A educação do corpo para o trabalho

Pensando no grupo de trabalhadores e na construção desses corpos no trabalho, passamos por um primeiro momento pelo aprendizado da técnica de trabalho e pela educação dos gestos e movimentos corporais dos trabalhadores. Nos relatos eles nos informaram que não haviam passado por nenhum treinamento

específico para ingressar na empresa, ou melhor, para realizar a técnica específica da função que iriam exercer. Nesse sentido, Barato (2004, p. 51) afirma que:

Aprender a trabalhar é uma necessidade vital e acontece desde o surgimento da humanidade sem necessidades de plano de estudo ou organização sistemática de conteúdos de ensino. Em poucas palavras, acontece sem escolarização. As dimensões executórias do trabalho, as quais damos o nome de técnicas, são evidências inequívocas da humanidade, de inteligência. Converter pedras em ferramenta de cortar, de triturar, de expandir capacidades motoras, etc. exigiu dos primeiros homens a criação de tecnologias que, até hoje, são um desafio considerável para quem queira recriar machados e facas característicos das primeiras culturas humanas.

O corpo no trabalho, antes de realizar uma função, precisa adquirir uma técnica, de modo a tornar-se eficiente e assim produzir o esperado pela empresa. A técnica do movimento é repassada para os trabalhadores que ainda não a conhecem. No caso dos trabalhadores da empresa multinacional pesquisada, os corpos não passaram por treinamento específico da função que realizariam. Muitos desses trabalhadores educaram seus olhares inicialmente diante da prática dos mais velhos e, depois, vivenciando a prática no seu dia-a-dia.

Essa educação passa a ser o *habitus* desse grupo de trabalhadores, que adquirem, aprimoram, entendem e vivenciam o que é exigido pela empresa. Mauss (1974, p. 214) confirma que a educação dos corpos se faz pela imitação dos mais prestigiosos:

Esses “hábitos” variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, mas, sobretudo, com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, com os prestígios. É preciso ver técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, ali onde o ordinário vêem-se apenas a alma e suas faculdades de repetição.

Ao entrevistarmos a informante C, ela afirmou: “Não, eu aprendi tudo lá. No treinamento não tem nenhum curso que é feito antes de entrar lá. A gente entra e é tudo primeiro na teoria, vendo as meninas mais antigas fazerem o trabalho e a gente vai olhando e depois na prática”.

É olhar o saber técnico daquela pessoa mais experiente, sem quase se comunicar com ela. É uma tradição na empresa passar por essa aprendizagem da

prática do outro, sem comunicação verbal. E Barato (2004, p. 115) apresenta esse processo:

Vou tentar esclarecer essa questão apresentando três razões para a incomunicabilidade. As dificuldades para a construção de um discurso explicativo sobre a técnica devem-se a: 1. razões de caráter corporativo (os profissionais não querem revelar seus segredos; 2. razões artísticas os profissionais vêem seu fazer como uma arte e declaram que esta não pode ser transmitida oralmente; pode ser aprendida apenas particularmente); 3. razões devidas à natureza do “saber como” (a técnica, quando se torna um saber definitivo, é sintética e dispensa discursos explicativos).

Evidentemente, no caso dos nossos informantes, as razões para a incomunicabilidade cabem no terceiro caso, o “saber como”.

Os corpos dos trabalhadores sabem como realizar sua função, muitas vezes melhor que a de uma máquina, mas não explicam como é esse fazer, como aprenderam a fazer. O que e como eles fazem para terem essa técnica tão eficaz?

O domínio de uma técnica ou habilidade começa com a aplicação de regras precisas, conscientes e descontextualizadas. Essas características vão desaparecendo à medida que o domínio da habilidade se torna mais fluente, e no final surge um desempenho que dispensa normas, reflexão, aplicação de princípios (BARATO, 2004, p. 100).

Os mais experientes ensinam os novos trabalhadores, durante a prática da sua técnica corporal, sem normas, sem regras de aplicação e com metodologia própria do aprendizado empírico. A partir do olhar do corpo do trabalhador é que a técnica passa a ser construída pelos trabalhadores no seu processo de aprendizagem. Trata-se, pois, de um conhecimento tácito, que dispensa a oralidade, mas exige a convivência e participação em uma tarefa. Assim, inicia-se o processo do aprendizado da técnica de trabalho, que vai sendo aprimorada com a vivência, com a prática e com as experiências corporais no cotidiano da fábrica.

Ressaltamos que os mais velhos ensinam como fazer e assim os novos trabalhadores aprendem mais em sua prática ao vivenciar os movimentos, mas podemos também perceber a crença embutida nos corpos e representada socialmente na sua concepção. As discussões teóricas de Barato (2004, p. 114)

levantam essa questão, quando observa que “entre os cabeleireiros prevalecia ainda a crença em segredos de ofício, velho costume das corporações profissionais. Isto precisa ser situado no âmbito das visões sobre possibilidades e necessidades de comunicação a respeito da técnica”.

Esse aspecto está também presente nas falas de nossos pesquisados, como na da informante K: “A pessoa, tipo assim, costura, vamos supor ela vai ensinando você como é, como se diz? É mais na prática, neh?!”

Essa experiência corporal é rica, pois foi construída na prática diária de horas de trabalho e na cumplicidade entre companheiros de jornada, resultando na eficácia da técnica corporal.

Mas, pensando no corpo e em como ele se constitui, surge uma questão: e as outras experiências corporais que esses trabalhadores já viveram, estariam presentes nessa nova técnica?

Observamos, ainda, que o corpo pode ter apreendido a técnica do seu trabalho em práticas anteriores, ao passar por outras experiências corporais, em outro trabalho, como relata o informante J: “Como disse, devido à minha experiência em outras empresas, já vem alguma coisa que eu aprendi antes”.

São corpos que foram constituídos pelas experiências de uma prática corporal que não pode ser desconsiderada: eles aprenderam na prática e ensinam na prática sua técnica. Constroem os movimentos corporais coletivamente, dentro da fábrica.

Uma outra questão importante a ser considerada é a educação do corpo do trabalhador construída na postura realizada por horas no trabalho, nos gestos corporais exercidos, no comportamento, no controle do seu movimento corporal que, em alguns momentos, foge de seu autocontrole.

“Normalmente com os braços (os movimentos) são repetitivos, tem que soltar ou apertar alguma coisa. Mas, no caso de abaixar ou levantar já é mais difícil, isso que eu estou falando é especificamente na minha função”, confirmou o Informante J.

Como permanecem em uma mesma posição por horas em seu trabalho? Como conseguem realizar tantos movimentos repetitivos? O que sentem? Esses questionamentos também foram inicialmente propostos em nossa observação diária, como professora de Ginástica Laboral, inquieta diante da eficiência de uma técnica sem falhas, produtiva para o trabalhador e para a empresa.

Mauss (1974, p. 214) ressalta a questão da educação e/ou imitação de uma técnica corporal utilizada. O corpo aprende ao educar seus movimentos e posturas

corporais, e também ao imitar e reproduzir movimentos realizados por outro trabalhador.

A noção de educação podia sobrepor-se à noção de imitação. Pois há crianças, em particular, que têm faculdades muito grandes de imitação, outras que tem bem fracas, mas todas passam pela mesma educação, da sorte que podemos compreender a sequência dos encadeamentos. O que se passa é uma imitação prestigiosa.

Dessa forma, o corpo é educado pelo espaço social, e o “*habitus corporal*” é representado ao realizar sua função social, através do seu comportamento, de como ele deve agir no seu trabalho.

As imposições são colocadas pela empresa, que ‘empresta’ ao trabalhador, em cada função, uma postura específica e uma técnica corporal para o cumprimento de seu trabalho.

Essa questão é observada por Mauss (1974, p. 215): “É precisamente nesta noção de prestígio da pessoa que torna o ato ordenado, autorizado e provado, em relação ao indivíduo imitador, que se encontra todo o elemento social”.

Essa questão foi colocada pelo informante G, um trabalhador do setor de Corte e Termofixação: “Eu trabalho muito ajoelhado para ter que fazer inspeção na tela, para fazer o enrolamento dela para que chegue até a costura. A gente trabalha bem com o corpo abaixado no chão e em uma distância meio longa de 40 a 50 metros, com o corpo dobrado”.

Ao falar que trabalha de joelhos por um tempo, percorrendo uma longa distância, o trabalhador passou as mãos em seus joelhos, expressando a mesma dor que sentia, ao permanecer tanto tempo de joelhos. Mesmo numa postura que lhe traz incômodos, ele realiza a técnica de trabalho como lhe fora solicitado.

O trabalhador busca, assim, recursos em seus movimentos corporais para a realização de um bom trabalho, uma técnica que contribua para sua função, uma especialização do gesto corporal para obter o rendimento. Para Mauss (1974, p. 220), as técnicas corporais

podem classificar-se em relação a seu rendimento, em relação aos resultados do treinamento. O treinamento, como a montagem de uma máquina, é a procura, a aquisição de um rendimento. Trata-se aqui de um rendimento humano. Essas técnicas são pois as normas humanas do treinamento humano. Os processos que aplicamos aos

animais foram aplicados pelos homens voluntariamente a si mesmos e a seus filhos. Estes foram provavelmente os primeiros seres que foram assim treinados, que foi preciso primeiro domesticar, antes de todos os animais.

Quando o corpo não passa por treinamento, as experiências corporais são significativas, uma linguagem corporal que os trabalhadores podem adquirir através de uma técnica no trabalho, que veio da própria prática na lida com as máquinas. Ainda pode ser um saber sobre o fazer que facilita o trabalho naquele momento. Mesmo que ninguém tenha ensinado, o corpo soube fazer um movimento, que o trabalhador não sabe explicar no momento da prática, mas que o realiza e repete.

Volto a insistir na idéia de que o objetivo final do processo de ensino-aprendizagem de técnicas é o conhecimento (representações internas, sintéticas e não-verbais e construídas pelo aluno), não o desempenho ou a capacidade de produzir informações. O desempenho pode ser um mecanismo de construção do conhecimento, um indicador do conhecimento já construído pelo aluno ou uma referência objetiva daquilo que se “cobra” do profissional do mercado de trabalho. Em qualquer dessas situações, ele é um meio, não um fim (BARATO, 2004, p. 211).

O corpo do trabalhador, ao dar um novo sentido para suas experiências corporais, repensa suas ações e as representa socialmente, expressando-as em suas atividades laborais. Olhar para o corpo do trabalhador requer estudar sua concepção de corpo e como ele o representa no cotidiano das produções em séries, do aprendizado de uma técnica, passando pelas reinterpretações de experiências que marcaram seu corpo no aprendizado e na realização da técnica de trabalho em que é eficaz.

Para adentrarmos na perspectiva de corpo, da sua concepção no aprendizado de uma técnica corporal, não há como nos esquivarmos da noção de representação social. É por meio dessa noção que se captam as experiências vividas pelo grupo de trabalhadores, as quais deixaram marcas no corpo do trabalhador, significados e símbolos. E pela experiência é que se está representado o *habitus* corporal, constituindo, assim, a realidade social.

A educação possibilita que determinados padrões de uma sociedade sejam aplicados ao corpo e aceitos. Mesmo que tenham a tendência à padronização, os

corpos podem sofrer mudanças ao entrarem em contato com diferentes configurações e contextos sociais e ao transitarem por diferentes valores e opiniões. Nesse sentido, os corpos reinterpretam vivências anteriores, repensando-as, tendo possibilidades para mudar suas ações.

Por isso, as experiências corporais são constituídas por signos e símbolos, crenças, preconceitos e estilos de vida em seu espaço social. Hoje é um corpo, amanhã poderá ser outro, pois as concepções são construídas, embora possam se mover e/ou se repensar.

Aquilo que nos dirige não são as poucas idéias que ocupam presentemente nossa atenção; são, isto sim, os resíduos deixados por nossa vida anterior; são os hábitos contraídos, os preconceitos, as tendências que nos movem sem que disso nos apercebamos, são, em uma palavra, tudo aquilo que constitui nossa característica moral (DURKHEIM, 1970, p. 17).

Em sua singularidade, os corpos internalizam esses valores e princípios, ressignificando e representando-os coletivamente por meio de atitudes e gestos corporais, identificados em sua configuração social e em seu *habitus*.

Os corpos também classificam e se autot classificam de acordo com suas condições e condicionamentos sociais, desde gostos, vestimentas, amizades, postura, preferências na posição social em que se encontram. “Isso faz com que nada classifique mais uma pessoa do que suas classificações” (BORDIEU, 1990, p. 159).

O *habitus* deixa sinais nos corpos que os diferenciam de uma sociedade para a outra, pois as experiências sociais e culturais, vivenciadas coletivamente são registradas pela simples fala do sujeito, pelo modo de sentar, assim como o de apresentar-se às pessoas. Dessa forma, tais práticas corporais relatam o comportamento vivido coletivamente, percebido e identificado de acordo com seu grupo.

Como ressalta Bourdieu (2006), cada um representa as diferenças nas atitudes corporais, nos gestos, na linguagem e na aparência, carregando consigo um símbolo econômico com consequências para a sua vida afetiva. Como exemplo, cita a diferença entre os homens e mulheres da zona rural e aqueles que habitam as

áreas urbanas. Chama bastante a atenção o modo como Bourdieu (2006, p. 87) descreve o corpo do camponês, apresentando-o como sendo aquele que se constrói ao enfrentar os processos de urbanização.

Em tal situação, o camponês é levado a introjetar a imagem que os outros fazem dele, mesmo quando se trata de um mero estereótipo. Passa a perceber seu corpo como corpo cunhado pela impressão social, como corpo *empayasanit*, rude carregando o traço das atitudes e atividades associadas à vida camponesa. Em consequência, fica embaraçado em relação a seu corpo e em seu corpo. É por apreender seu corpo como corpo rude que toma consciência de ser camponês rústico. Não é exagero presumir que a tomada de consciência de seu corpo é, para o camponês, a ocasião privilegiada da tomada de consciência da condição camponesa.

A consciência corporal apresentada pelo camponês permite a compreensão da sociedade e das representações sociais. Ao mesmo tempo, ele passa a entender seu comportamento individual e as ações coletivas que dão significado à estrutura social e aos modelos culturais inscritos nos corpos.

O corpo expressa uma realidade social que pode ser representada por padrões sociais e modelos culturais de um grupo, como explica a tradição behaviorista, ao propor que a um estímulo há uma resposta com seu comportamento esperado. Assim, a representação social também pode ser identificada ou não através de um grupo, que é composto de diversas opiniões que podem atrelar-se ou conflitar-se (HERZLICH, 2005).

No presente estudo, também observamos, na fala dos trabalhadores entrevistados, a imagem construída do trabalho, voltada às necessidades do mercado, ou seja, incorporando um modelo cultural de um padrão de vida social que prioriza o trabalho e o rendimento de acordo com os interesses, seja de status, de posição e de vida social.

As reflexões teóricas de Castel (1998) possibilitam, ainda, pensar as consequências que agem sobre o corpo do trabalhador, marcado pelas metamorfoses ocorridas no trabalho. Essa questão do trabalho manifesta-se no corpo do trabalhador, de modo que “essas imagens, ou representações, acabam por sustentar práticas sociais que tendem a priorizar o trabalho sobre outras dimensões

da vida, tais como estudo, a vida social e a vida familiar” (OLIVEIRA *et al*, 2010, p.764).

A informante C comprovou que, a partir das suas representações sociais, ela também priorizava o seu trabalho, ao dizer: “Não chega a ser exaustivo, mas, dependendo da bancada em que eu fico, é bastante desgastante para a coluna, braços, para o pescoço e, principalmente para as mãos. No caso, eu tenho tendinite, e eu agradeço meu trabalho! Amo meu trabalho. Mas eu tenho tendinite e problema na coluna através dele”. No momento dessa declaração, ela torcia a boca, numa manifestação irônica, de indiferença frente à dor. Expressava que os problemas da tendinite e da coluna vieram pelo trabalho e que amava o que fazia, conformada com as consequências da função que exercia.

A partir dessa fala, pode-se perceber o trabalho como dimensão social, podendo-se notar as diferentes marcas no corpo, em função das prioridades para cada indivíduo, também a partir da classificação social do trabalhador e seu posicionamento dentro da indústria, ao autocontrolar-se e ao controlar os outros.

Desse modo, pode-se refletir a questão do trabalho como sendo um modelo social e cultural a seguir, que molda as experiências corporais. Ao mesmo tempo, o indivíduo dá sentido às, experiências coletivas, constituindo os fatos sociais que concebem seu corpo e constroem sua vida.

Ora, quando dissemos alhures que os fatos sociais são, em um certo sentido, independentes dos indivíduos e exteriores em relação às consciências individuais, apenas afirmamos no que tange ao reino social aquilo que acabamos de estabelecer a propósito do reino psíquico. A sociedade tem por substrato o conjunto de indivíduos associados. O sistema que formam pela união e que varia de acordo com sua disposição sobre a superfície do território, com a natureza e o número de vias de comunicações, constitui a base sobre a qual se constrói a vida social. As representações que são a trama dessa vida, originam-se das relações que se estabelecem entre os indivíduos assim combinados ou entre os grupos secundários que se intercalam entre o indivíduo e a sociedade total [...] (DURKHEIM, 1970, p. 33).

As representações sociais construídas pelas experiências corporais expressam como esse corpo foi construído a partir de suas práticas sociais e de sua

cultura. O que o corpo experimenta socialmente é tecido por uma teia de relações compartilhada coletivamente, conferindo uma identidade ao grupo.

“O mundo social pode ser dito e construído de diferentes maneiras, de acordo com diferentes princípios de visão – por exemplo, as divisões econômicas e as divisões étnicas” (BOURDIEU, 1990, p. 159). Como o mundo social é construído de maneiras distintas, o corpo também é concebido dessa mesma forma.

Capítulo IV - O TRABALHADOR E A MÁQUINA: CONTROLES E SEGURANÇA

E foi assim que o operário
Do edifício em construção
Que sempre dizia sim
Começou a dizer não.
E aprendeu a notar coisas
A que não dava atenção:

Notou que sua marmita
Era o prato do patrão
Que sua cerveja preta
Era o uísque do patrão
Que seu macacão de zuarte
Era o terno do patrão
Que o casebre onde morava
Era a mansão do patrão
Que seus dois pés andarilhos
Eram as rodas do patrão
Que a dureza do seu dia
Era a noite do patrão
Que sua imensa fadiga
Era amiga do patrão

(O operário em construção – Vinícius de Moraes).

Ao longo dos anos, o trabalho vem se desenvolvendo, nas sociedades capitalistas, tornando cada vez mais necessária a cientifização da técnica dos trabalhadores. O valor do trabalho é atribuído aos meios tecnológicos, às facilidades, ou melhor, ao menor tempo de produção, objetivando a reprodução do capital.

Essas mudanças foram e estão sendo experienciadas pelas indústrias que, via de regra, com o objetivo de produzir mais para que possam lucrar em tempo hábil, reduzem a quantidade de trabalhadores e aumentam as máquinas industriais. Automatizam vários processos de trabalho, potencializam o trabalho industrial, integram a cientifização e a tecnologização da técnica de trabalho ao corpo do trabalhador.

Vale lembrar que a cientifização da técnica não poderia tornar-se a mais importante força produtiva, pois

as máquinas inteligentes não podem substituir os trabalhadores. Ao contrário, a sua introdução utiliza-se do trabalho intelectual do operário, que ao interagir com a máquina informatizada acaba também por transferir parte dos seus novos atributos intelectuais e cognitivos à nova máquina que resulta desse processo. Estabelece, então, um complexo processo interativo entre trabalho e ciência produtiva, que não leva (e não pode levar) à extinção do *trabalho*

vivo e de sua *potência constituinte* sob o sistema de metabolismo social do capital. Esse processo de retro-alimentação impõe ao capital a necessidade de encontrar uma força de trabalho ainda mais complexa, multifuncional, que deve ser explorada de maneira mais intensa e sofisticada, ao menos nos ramos produtivos dotados de maior incremento tecnológico (ANTUNES, 2001, p. 123).

Os trabalhadores entrevistados para o nosso estudo afirmavam que as máquinas não os substituíam, no entanto argumentavam sobre a necessidade delas em seu trabalho, mostrando-nos o vínculo entre os dois. Em uma dessas falas, transparecia o afeto da trabalhadora com a máquina industrial. Quando perguntada sobre a relação do trabalhador com sua máquina, obtivemos como resposta da informante K: “Ela depende (de mim) porque é você que tem que regular ela, você que tem que fazer a programação dela pra ela estar trabalhando desse jeito. Então, ela depende e a máquina pode fazer algo errado, por isso que eu tenho que estar olhando ali. Se acontecer alguma coisa errada tem que parar ela”. Essa trabalhadora fixava seus olhos na máquina, comprovando que cada processo executado devia estar dentro dos procedimentos seguidos diariamente e sua função na empresa exigia muita concentração e atenção para não haver falhas.

Uma outra entrevistada, a informante C, declarou: “Pra mim é bem tranquilo, são máquinas bem tranquilas, não é aquela coisa que você já vai de manhã trabalhar e pergunta: ‘hoje eu volto vivo?’ Não é máquina, pelo menos no meu setor, nenhuma máquina traz nenhum risco ao ponto de falar ‘ ah, hoje eu volto vivo’. O principal problema é que algumas exigem uma certa postura e que a gente insiste em não seguir essa postura corretamente e é onde acarreta os problemas mais tarde” . Essa trabalhadora enfatizou que o controle devia ser do seu corpo sobre as máquinas, pois se ela não estava na máquina na postura correta e indicada, seu corpo sofreria problemas articulares. Mas como ela ressaltou, “a máquina é bem tranquila”, não fazia mal nenhum para o corpo dela.

Há que se notar que a luta pelo capital estabelece mais controle, subordinação e qualificação dos trabalhadores para existirem no sistema capitalista. Consequentemente, a técnica que o trabalhador realiza caracteriza-o, de modo que não pode ser substituído por uma máquina industrial e nem eliminado do trabalho. Assim, a existência do trabalhador no mercado de trabalho é categorizada. Perfis são traçados para atender à demanda da empresa, sendo suas aptidões e sua eficiência colocadas em questão, pois se um trabalhador não as tem, o outro

trabalhador as possui e ocupará o seu lugar. Nesse caso, a empresa busca o trabalhador que realiza sua função de acordo com os objetivos solicitados. Essa é uma forma estabelecida pelo capital e que opera para atender ao mercado de trabalho. Os trabalhadores que não se enquadram nos perfis que as empresas descrevem são substituídos por outros que revelam as aptidões necessárias. Processos de exclusão operam nessa nova lógica do capital.

Como a máquina não pode *suprimir* o trabalho humano, ela necessita de uma maior *interação* entre a subjetividade que trabalha e o novo maquinário inteligente. E nesse processo, o *envolvimento interativo* aumenta ainda mais o *estranhamento do trabalho*, amplia as formas modernas da *reificação*, distanciando ainda mais a subjetividade do exercício de uma cotidianidade autêntica e auto-determinada. Com *aparência* de um despotismo mais brando, a sociedade produtora de mercadorias torna, desde o seu nível microcósmico, dado pela fábrica moderna, ainda mais *profunda a interiorizada* a condição do *estranhamento* presente na subjetividade operária (ANTUNES, 2001, p. 131).

Essa interação homem-máquina foi percebida nas experiências que os trabalhadores relatavam, como a da Informante C, ao falar que era impossível a máquina substituí-la “porque no caso lá tem algumas máquinas que fazem o trabalho praticamente sozinhas. Lógico que tem que ter alguém para manusear. Como a gente fala lá, é o pessoal que só aperta o botão. Só que sempre tem que ter um ser humano, sozinha ela não vai lá apertar o botãozinho, sozinha! Porque eu acredito que é impossível que se invente uma máquina pra costurar todas as telas sozinhas, como no caso lá da telinha fininha que sozinha a máquina faz tudo. Logicamente só aperta o botãozinho. Mas nas telas que eu costuro não tem como ela costurar sozinha, mesmo eu estando lá para apertar o botãozinho. Eu sou leiga no assunto, mas eu acredito que não tem como”.

O estranhamento em relação ao trabalho repercute nas experiências corporais do trabalhador, mas não o diminui, pois elas fazem com que as ações sejam semelhantes às de uma máquina, dinâmica, eficaz e rápida. Para que essa domesticação ocorresse, foi necessário um processo de disciplinarização dos gestos corporais, de repetições da técnica de trabalho para se obter um bom desempenho e

automatismo.

Controles e segurança

A sociedade industrial formou-se em função de um conjunto de indivíduos que coletivamente participaram de um processo de desenvolvimento; apenas juntos conseguiram as transformações da sociedade. A coletividade permite, dessa forma, uma relação de interdependência e de mudanças sociais.

Nessa mesma direção, Elias (1994, p. 13) desenvolve sua reflexão na perspectiva de que:

A sociedade, como sabemos, somos nós; é uma porção de pessoas juntas. Mas uma porção de pessoas juntas na Índia e na China formam um tipo de sociedade diferente da encontrada na América ou na Grã-Bretanha; a sociedade composta por muitas pessoas individuais na Europa no século XVI ou XX. E, embora todas essas sociedades certamente tenham consistido e consistam em nada além de muitos indivíduos, é claro que a mudança de uma forma de vida em comum para outra não foi planejada por nenhum desses indivíduos. Pelos menos, é impossível constatar que qualquer pessoa dos séculos XII ou mesmo XVI tenha conscientemente planejado o desenvolvimento da sociedade industrial de nossos dias.

Nesse sentido, os comportamentos dos corpos diferenciam de sociedade para sociedade, cada uma estabelecendo padrões e normas que condicionam os indivíduos a agirem de acordo com sua configuração social. Por isso, compreender a configuração da sociedade é adentrar no seu significado, conhecendo objetivos que levam às normas e a comportamentos padronizados, entendendo, assim, o processo social (FRASSON, 2001).

Levando em conta essas reflexões, para este estudo passamos a entender melhor os processos de controle dentro do ambiente fabril, em Piracicaba. Aproveitávamos os momentos em que os trabalhadores descreviam o aprendizado de sua técnica de trabalho para perguntar se havia procedimentos a serem seguidos dentro da empresa. Eles confirmavam as etapas para serem seguidas no processo de cada função exercida, mas, com o tempo, já nem olhavam mais o que deviam

fazer no dia, pois já sabiam o que fazer automaticamente. A informante K fala que “tudo tem um procedimento; a partir do momento que você vai iniciar é todo um processo. Se eu não seguir, não tem como, não que se eu deixar de fazer que vai (silêncio)... Eu acho que é uma coisa tão automática da gente neh?!”. As expressões dessa entrevistada afirmavam a sua fala, principalmente ao dizer que “é uma coisa tão automática” que não precisa mais olhar quais são os procedimentos a serem seguidos.

Essa fala é reiterada pelo Informante G: “Hoje é exigido que tenha um manual de tudo que você faz dentro da empresa, de todo setor da empresa, por escrito! Mas tem aquilo lá também, hoje eu não sigo aquilo lá, porque eu não preciso, mas se amanhã uma pessoa nova começa trabalhar comigo, se ele seguir lá já dá para ter pelo menos uma ideia do que é o serviço”. E apontou um trabalhador: “Ah, já esse senhor que é o mais velho, com mais de 25 anos de empresa, mostra o controle e a segurança que tem no seu trabalho. Não segue o manual porque ele não precisa mais”.

Ela falava em um tom enfático que nos convenceu da falta de necessidade do rigor perante a experiência prática do funcionário, ou seja, o corpo já se moldou aos procedimentos definidos pelo manual e o uso do corpo no trabalho está além das orientações discursivas.

A concepção de corpo de um trabalhador de uma fábrica constitui-se no seu contexto de trabalho, considerando as linguagens, regras e técnicas pertencentes a um grupo e ao coletivo e inscritas nos corpos. O contexto social em que o trabalhador está inserido comporta uma hierarquia de funções, de modo que ele depende de outras pessoas, as quais ditam ordens, fiscalizam as ações para saberem se estão sendo realizadas, determinam as funções e, desse modo, marcam os corpos com símbolos de poder e ausência dele, que determinam os vínculos sociais na indústria.

A partir das colocações de Kehl (2003) sobre o corpo, enquanto fenômeno social, concernente a uma configuração social, podemos refletir sobre os corpos dos trabalhadores presos à teia da interdependência. Observa-se que por ela passam diferentes interesses que fazem com que corpos sejam modelados, tornando-os mais eficazes ao mercado de trabalho. Ao se tornar propriedade do outro, o corpo se individualiza, buscando o seu melhor rendimento, sua melhor forma na competição

do mercado, não deixando de pertencer ao outro, ao contrário, sempre em busca da sua inserção no mercado em uma posição que lhe interesse mais.

Para Kehl (2003, p. 243), a concepção de corpo é construída nessa relação de alteridade:

O corpo próprio como corpo do Outro. Ao contrário da concepção do corpo como propriedade privada de cada um, afirmo que nosso corpo nos pertence muito menos do que costumamos imaginar. Ele pertence ao universo simbólico que habitamos, pertence ao Outro; o corpo é formatado pela linguagem e depende do lugar social que lhe é atribuído para se constituir.

Essa individualização é desenvolvida na modernidade, levantando entre as pessoas uma barreira que se expressa nas suas corporeidades, nas distâncias construídas através de controles e autocontroles, como expressão da transformação histórica. Segundo Elias (1994, p. 103), as mudanças históricas ocorridas, desde o Renascimento, com a centralização do direito do uso legítimo da força pelo Estado, constrangeram os corpos a se submeterem a processos de controles e de autocontroles:

Aquilo que, visto por um aspecto, se apresenta como um processo de individualização crescente é, visto por outro, um processo de civilização. Pode-se considerar característico de certa fase desse processo que se intensifiquem as tensões entre ditames e proibições sociais, internalizados como autocontrole, e os impulsos espontâneos reprimidos. Como dissemos, é esse conflito no indivíduo, essa “privatização” – a exclusão de certas esferas de vida no intercâmbio social e sua associação com uma angústia socialmente instilada, como os sentimentos de vergonha ou embaraço -, desperta no indivíduo a sensação de ser, “internamente”, uma coisa totalmente separada, de existir sem relação com outras pessoas, relacionando-se apenas “retrospectivamente” com os que estão de “fora dele”.

Com as mudanças sociais, o corpo do trabalhador também passa pela repressão dos seus impulsos e sentimentos. Com algumas palavras, o informante G insistiu em dizer que mesmo seu trabalho sendo eficiente e rigoroso em seu desenvolvimento, ele percebia que seu valor não lhe era atribuído, mas não tinha o

que fazer. “Eu acho assim, é uma coisa de responsabilidade com pouco reconhecimento”. Ele finalizou: “é verdade, trabalhar com medidas de forma intensa o mês inteiro, se errar uma é praticamente (risos) pra empresa, porque é um valor muito caro o metro quadrado do produto”.

O trabalho estabelece, ainda, um status ao trabalhador, inserindo-o em uma hierarquia social. Acreditamos que os corpos dos trabalhadores respondem a essa hierarquia, dando-lhes uma identidade de acordo com a função no trabalho, o que os marca e, assim, inscrevem as corporeidades.

A informante C era uma representante da CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes), responsável por fiscalizar a segurança do seu setor. Assim percebemos sua identidade frente ao grupo da Costura, quando ela falava sobre a segurança. Ela aumentava seu tom de voz, dizendo: “Todo mundo é treinado, a empresa inteira. Quando o funcionário entra, ele é levado para conhecer todos os setores, em caso de incêndio ou de algum acidente. Isso daí durante o ano é feito reciclagem com todo mundo, então ninguém pode falar ‘ah, eu não sei’, porque sabia, todo mundo sabe e segurança lá é em primeiro lugar!”

Já a informante K narrou que “agora não pode mais isso e aquilo”. Ela disse que colocaram algumas regras como o DDS (Diálogo Diário de Segurança). “Tem que usar o sapatão, não pode mais usar tênis. Mandaram tirar os brincos, a corrente, tudo!”. Torcia a boca, como se as mudanças a incomodassem um pouco, embora ela respeitasse as normas. Foucault já observara essa disciplina e docilidade, a que o corpo é submetido, definidas pelo padrão social e cultural que exerce coerção sobre os *habitus* corporal.

Capítulo V- AS DORES NO TRABALHO E A GINÁSTICA LABORAL

Dia seguinte, o operário
Ao sair da construção
Viu-se súbito cercado
Dos homens da delação
E sofreu, por destinado
Sua primeira agressão.
Teve seu rosto cuspidos
Teve seu braço quebrado
Mas quando foi perguntado
O operário disse: Não!

Em vão sofrera o operário
Sua primeira agressão
Muitas outras se seguiram
Muitas outras seguirão.
Porém, por imprescindível
Ao edifício em construção
Seu trabalho prosseguia
E todo o seu sofrimento
Misturava-se ao cimento
Da construção que crescia

(O operário em construção – Vinícius de Moraes).

antes de discutir o trabalhador e a fábrica é preciso compreender o próprio corpo, pois como foi dito, é nele que as marcas de embates foram registradas. Logo, é preciso verificar as noções que se produziram sobre o corpo em várias falas. Tomo aqui como exemplar o discurso médico, mesmo porque é possível através dele correlacionar determinadas práticas – da medicina à fábrica ou escola. Mas além da medicina, em outros locais são gestadas práticas que visam dar conta do corpo [...] (JOANILHO, 1996, p. 17).

Estudar o corpo demanda atenção para identificar as diversas concepções que foram sendo construídas no decorrer da história. No século XIX, os corpos sofriam dores e desconfortos com a sobrecarga do trabalho. Essas manifestações corporais dão a entender como o corpo se efetivava na sociedade daquela época.

Corbin (2008, p. 314) descreve o corpo que irrompe a partir da sua relação com o trabalho:

Primeiramente, o corpo do operário manifesta a força física atribuída aos indivíduos que pertencem ao povo; o que, no âmbito simbólico, exprime, no começo da Revolução, a pregnância da figura de Hércules; corpo forte, mas dotado de sentimentos rudimentares. O operário é visto como pouco acessível à fineza das mensagens

sensoriais e ao desconforto que essas podem provocar. O trabalho com as mãos desenvolveu nele o tato, em detrimento dos sentidos intelectuais que são a visão e a audição. O corpo do operário sofre excessivamente com a atividade intelectual e dificulta o progresso do espírito. O mesmo postulado leva a destacar a primazia do instinto. É o que provoca a fascinação exercida pelo corpo da mulher do povo, de quem se espera, dentro das elites masculinas, uma compensação da perda do vigor causada pelo abandono do trabalho físico.

Notamos que essa concepção de corpo ainda pode ser observada atualmente, já que o trabalho prevalece na vida do indivíduo, controlando seu corpo, ao mesmo tempo em que o corpo é condicionado por controles de uma ordem social hegemônica. O trabalho inscreve-se socialmente no corpo do trabalhador. Mesmo deixando marcas, dores e sofrimento, mostra vigor físico e comportamentos modelados que resultam em uma boa aparência.

[...] A escala, em primeiro lugar, do controle: não se trata de cuidar do corpo, em massa, *grosso modo*, como se fosse uma unidade indissociável mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica – movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo. O objeto, em seguida, do controle: não, ou não mais, os elementos significativos do comportamento ou da linguagem do corpo, mas a economia, a eficácia dos movimentos, sua organização interna; a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa é a do exercício [...] (FOUCAULT, 2008, p. 118).

Dessa forma, o trabalho a que os corpos são submetidos precisa de uma disciplina e de cuidados limitados e minuciosos em seus gestos. Tudo para que erros sejam exterminados, um ritual por que os corpos passam antes de exercer sua função, uma imposição da lógica da produtividade e do lucro.

E os corpos dos trabalhadores de hoje? E dos trabalhadores da empresa multinacional de Piracicaba? Essa é uma questão muito nítida quando os trabalhadores narravam suas histórias, como no caso da Informante C: “Minha coluna e minhas mãos doem.

A postura para executar sua técnica de trabalho demandava esforços de seu corpo que causavam dores e problemas crônicos. Ela confirmou que “já estou com

tendinite pelo fato do movimento repetitivo e na coluna. Com certeza é a postura, a cadeira, nossa, que não colabora”.

Como a trabalhadora atribuía a causa dos seus problemas crônicos aos movimentos repetitivos da sua função e à cadeira inadequada, achamos importante uma nova pergunta que esclarecesse como a empresa lidava com esses problemas de saúde. Ela suspirou e, após dizer: “Ai, ai”, inspirou, expirou devagar e completou: “É uma coisa um pouco complicada. No setor administrativo e RH, o médico nosso, não sei nem como explicar, é um tipo de pessoa que pensa muito na empresa. Temos a Ginástica Laboral, que é claro que colabora. Eu sou preguiçosa para fazer, eu sei! Mas quando eu não estou querendo fazer, eu não faço.” Rindo, finalizou: “A empresa investe, sim, na Ginástica Laboral e pega no pé!”

Ao perguntarmos a essa Informante C sobre a maneira como a empresa se posicionava em relação à saúde do corpo do trabalhador, percebemos que ela, depois de suspirar profundamente para iniciar sua fala, disse ser assunto “complicado”. Acrescentou, com expressões corporais visivelmente inquietantes que “o médico pensa muito na empresa”. Pela fala irônica da trabalhadora, repleta de reticências e gestos inquietantes, parecia indicar que o atendimento privilegiava o setor administrativo, o que nos mostra os perfis da configuração social no interior da fábrica. E o corpo da trabalhadora do setor da produção?

Assim, ela terminava se justificando, admitindo que a empresa disponibilizava aulas de Ginástica Laboral, consciente dos benefícios dela, mesmo que “não faz por ser preguiçosa”.

Essa fala ilustra de certa forma como o corpo pode se constituir no cotidiano fabril, deixando marcas, determinando perfis que a configuração social coloca em cheque, em função do que a empresa acredita ser melhor para sua produção.

Nesse sentido, o trabalho coloca-se como elemento central, mas que vai se modificando de acordo com as mudanças na sociedade industrial, marcando e caracterizando o trabalhador em sua singularidade. Características como cansado, lesionado e/ou afastado “classificam”, o trabalhador como produtivo e improdutivo. Assim, uma das preocupações da configuração atual é com a saúde desse trabalhador que quase não produz mais. A Ginástica Laboral é mais um componente para promover a produtividade possível dos corpos dos trabalhadores.

Questionada sobre a importância da Ginástica Laboral para os corpos dos trabalhadores, a informante G explicou: “A gente faz um pouco de alongamento para

se sentir melhor, porque depende do serviço, faz um serviço de carregar peso daí sentir dor no braço e na mão. E a partir do momento que comecei a fazer Ginástica já melhorou bem mais”.

Também o Informante J confirmou essa mesma ideia “com certeza! Melhora no alongamento e assim nas atividades diárias e no trabalho”.

Uma nova pergunta procurava identificar se, quando esses corpos doíam, os trabalhadores conseguiam ir trabalhar e cumprir o trabalho estabelecido pela empresa e produzir e render. Haveria, dessa forma, uma real preocupação com saúde do corpo do trabalhador?

A informante C narrou sua experiência. Foi trabalhar uma vez doente e, “quando cheguei lá, meus dedos não queriam obedecer, minha mão abriu e não fechava. Eu fui para o médico urgente e, chegando lá, ele me afastou por 14 dias. Eu fiz 10 sessões de fisioterapia e fui trabalhar no outro dia. Daí eu não senti mais nada, quer dizer, não senti mais nada entre aspas. Porque passa um tempo depois da fisioterapia, volta tudo e minha vida é o Dorflex. Eu acho que tomo mais Dorflex do que água”. Apesar da situação dramática, ela riu.

Pode-se observar, a partir dessa fala, como o corpo dessa trabalhadora reinterpretou a dor que sentia. Como seu corpo não realizava com eficiência sua técnica de trabalho, ela foi considerada improdutiva no contexto da fábrica. Fez sessões de fisioterapia ao ser afastada. Assim, passou por um ritual que lhe amenizava as dores, acreditando, então, estar pronta para o trabalho.

Reinterpretações da dor são, portanto, maneiras de o corpo conseguir voltar para o trabalho, embora, como ela mesma dissesse: “... passa um tempo e depois volta tudo”.

A experiência vivida pelo corpo da trabalhadora apresentou uma linguagem própria, repleta de valores, que pode ser reinterpretada em sua realidade social, revelando um comportamento que dá significados e que são ressignificados durante sua vida. Assim,

as representações sociais são conjuntos dinâmicos, seu *status* é o de uma *produção* de comportamentos e de relações com o meio ambiente, de uma ação que modifica aqueles e estas, e não de uma *reprodução* desses comportamentos ou dessas relações, de uma reação a um dado estímulo exterior (MOSCOVICI, 1978, p. 50).

É importante, ainda, dar relevo ao exemplo de Martins (1999) que ajuda a ilustrar como as marcas do trabalho são impressas no corpo: uma trabalhadora rural, ao responder a uma entrevista de um estudo sobre a exploração do trabalho, afirmou algo inesperado, diferente das outras pessoas do grupo, chamando atenção do pesquisador. O grupo dizia ser explorado pelo dono do armazém da cidade, porque não havia aumento no salário, mas o preço das mercadorias sempre estava sendo alterado.

Segundo Martins, (1999, p. 54), a fala da trabalhadora diferenciava-se porque mostrava o agenciamento do seu corpo pelo trabalho:

Eu sei que sou explorada porque quando faço amor com meu marido, meu corpo dói, Meu corpo dói quando lavo roupa ou cozinho para minha família. Ele não dói quando estou cortando cana lá no canavial para a usina. Meu corpo já não é meu: é do canavial e do patrão.

Os trabalhadores não percebiam que a exploração não se restringia às relações de trabalho, mas ela era inerente à sociedade atual. De fato, o homem contemporâneo se distancia da sua produção, alienando-se, ao não perceber se ele é produtor ou um mero produto. Em decorrência, termina por se revelar como um estranho na atual configuração social (MARTINS, 1999).

O corpo do trabalhador representa socialmente o cenário industrial, a configuração atual. Assim, ouvimos o Informante J dizer também que ele se sentia dessa forma. Ele retornava ao trabalho, de uma forma ou de outra, como um mero produto do mercado de trabalho. “Normalmente o médico vai liberar, mesmo você não estando tão bem, ele libera você ou você não vai no médico” . Ele foi claro e sarcástico em seu relato, ao dizer que na maioria das vezes o médico autorizava o trabalhador a voltar para o trabalho ou que era melhor não ir, porque seria estranho em querer se afastar.

Os corpos explorados expressam a alienação propiciada pela exploração dos trabalhadores, apresentando signos em seus corpos que o trabalho foi deixando simbolicamente, sinais que são reconstruídos coletivamente.

Os símbolos deixam vestígios, construindo nesse corpo do imaginário popular, uma concepção de corpo tradicional e sagrada de uma consciência de

classe, representada pelo corpo ao reinterpretar comportamentos e crenças que se modificaram no decorrer de suas experiências de vida e ao se relacionar socialmente. “Esse corpo não é da jovem senhora cortadora de cana, esse corpo é do ‘patrão’ ” (MARTINS, 1999).

Como o momento era de centralidade do corpo, debruçamo-nos sobre a concepção do corpo dos trabalhadores dessa empresa, para observar como suas experiências corporais refletiam essa concepção. Uma trabalhadora reinterpretava a doença para estar no trabalho no dia seguinte. “Seu nome é Dorflex”, segundo ela. O corpo dela não sentia mais dor ao tomar um Dorflex. Ela acredita que esse remédio traria o alívio mais rápido e, assim, sua crença nessa estratégia do imediatismo proporcionava uma maneira para que pudesse voltar a produzir na fábrica. O seu corpo também seria do patrão.

As relações com o meio ambiente, como Moscovici (1978) menciona, têm seu próprio dinamismo, pois as relações coletivas permitem esse movimento, uma dinâmica dos corpos construindo conhecimento, reconstruindo ideias e crenças compartilhadas dentro de contexto social. Sendo a participação coletiva permissiva para que os corpos repensem suas ações, modifica-as perante a sociedade.

As representações sociais, ao serem construídas coletivamente, são diferentes em sua configuração e em cada grupo. Para entender as representações sociais, as leituras de Boltanski (1989) fazem referência às representações sociais da doença com uma certa clareza, denunciando um distanciamento médico-paciente, que se dá por serem diferentes socialmente. No discurso e no entendimento dos dois, as divergências sociais são manifestadas.

Assim, as representações sociais da doença se distinguem, o médico com seu discurso técnico e conhecimento científico, o paciente com o conhecimento que construiu frente à fala técnica dos médicos e de sua reinterpretação da doença. É com as diferenças sociais ressignificadas na sua cultura que os corpos reconstroem seu conhecimento, que são admissíveis, aceitas e representados socialmente. O paciente reconstrói através de suas mínimas informações um discurso da doença que tem sentido e é plausível, mas que não se aproxima do discurso técnico e científico (BOLTANSKI, 1989).

Considerando que a questão saúde e doença incide no processo de trabalho, Boltanski (1989, p. 70) conclui que os indivíduos são

incapazes de emitir um discurso que reproduza o do médico ou mesmo de repetir textualmente o discurso deste, os membros das classes populares constroem, com o discurso do médico, um outro no qual exprimem quase que apesar deles próprios e, como se verá, através do jogo de reinterpretações, suas representações da doença. Estas representações são às vezes relativamente bem acabadas, coerentes e explícitas: tal é o exemplo, a representação da úlcera do estômago feita por uma operária, na pesquisa, na qual o estômago é representado como um recipiente que poderia ser furado sob a ação de alimentos muito quentes e ácidos ou apimentados e que, como um balde enferrujado cede quando está cheio demais, estouraria de repente após uma refeição muito copiosa ou sob efeito de um esforço demasiado grande. Essas representações permanecem no entanto, na maioria dos casos, em estado latente, de uma certa maneira escondidas no discurso, e só se traem pelo emprego de certas palavras ou de certas imagens particulares.

A representação social da doença pode se expressar no discurso das pessoas, manifestando-se na fala e nas práticas corporais, contidas de ideias, de palavras técnicas reformuladas e de crenças.

Temos também trabalhadores que mantêm o controle do seu corpo, de modo que sabem suas limitações, cumprindo sua função sem sofrimento e/ou sem consequências futuras, como problemas crônicas de saúde que o trabalho deixou.

O informante G alegou que, mesmo trabalhando de joelhos e tendo seus problemas articulares, ele sabia o que era melhor para ele. “A gente procura fazer como eu que trabalho no setor, tenho que procurar o que é melhor e o que vai ajudar, então eu apresento para os encarregados o que melhora para mim e o que facilita para mim. Se eles correrem atrás de fazer beleza, se achar que não tem valor nenhum ele não vai fazer, mas ele dá um pouco de importância, um pouco não bastante!”

Esse trabalhador era o mais velho dos que foram entrevistados. Na sua história narrada como trabalhador dessa empresa, transparecia que ele limitava seu trabalho ao que seu corpo podia produzir durante a jornada de trabalho com eficiência. Ele não em buscava o rendimento que a empresa esperava, desde que ele apresentasse ao seu superior o que seu corpo podia produzir. A sua experiência corporal, de mais de 20 anos de empresa, levou-o a respeitar um limite rigoroso do seu corpo. Essa experiência narrada por ele representa outra concepção do corpo do trabalhador, não encontrada nos outros discursos. Esse corpo não se sacraliza em seu trabalho, ele rende e produz o que pode e não além.

Martins (1999, p. 50) apresenta um exemplo da construção do discurso científico para o discurso de um trabalhador chamado de “Seu Zé”: um senhor que precisava ser operado por estar com um tumor na sola de seu pé, mas apresentou resistência quanto ao discurso médico. O cirurgião, mesmo apresentando as possibilidades de que a ciência disponibilizava, ao amputar a perna atingida pelo tumor, não convenceu o trabalhador da zona rural. “Seu” Zé recusou a amputação de sua perna!

“O senhor está com medo, ‘seu’ Zé?” “Não”. Disse-nos ele. “Então por que o senhor não deixou que o médico fizesse a operação?” “Porque ele não soube me responder uma pergunta”, explicou cabrunhado. “E qual é a pergunta?” Fixou-nos no rosto, entre assustado e resignado, e disse quase em voz baixa: “No Dia do Juízo, eu vou ressuscitar lá no Mato Grosso e minha perna vai ficar aqui em São Paulo?”. Embatucamos, pedimos um tempo a ele e ao médico. Íamos procurar quem entendesse do assunto. Saímos atrás de um padre ou de uma freira que pudesse dizer uma palavra sensata e fundamentada a respeito. Todos os esclarecimentos eram filosóficos. ‘Seu’ Zé porém, estava firme na sua convicção. Ele aprendera, acima de qualquer dúvida, pois estava lá no credo apostólico: “Creio na ressurreição da carne...”, do mesmo modo que “Creio em Deus Pai, todo poderoso...”.

Para o “Seu” Zé, a doença foi significada no bojo da sua crença, apontando para a sacralização do corpo ao amputar uma perna. A verdade científica que os médicos apresentavam não o convencia. Já entendera o posicionamento da ciência em torno da doença, só não compreendia porque as pessoas davam mais importância para a vida na terra, do que para a eternidade dos céus (MARTINS, 1999).

Estudando as representações sociais, encontram-se, ainda reflexões teóricas com a preocupação de separar as representações como individuais e coletivas, com olhares voltados para os campos da Sociologia e da Psicologia. Como as questões posta por Durkheim (1970, p. 13),

será, porém, ainda mais natural buscar as analogias que possam existir entre as leis sociológicas e as leis psicológicas, uma vez que estes dois campos são mais próximos entre si. A vida coletiva, como a vida mental do indivíduo, é feita de representações; é pois presumível que representações individuais e representações sociais

sejam, de certa forma, comparáveis. Tentaremos, exatamente, demonstrar que ambas mantêm a mesma relação com o respectivo substrato. Essa ligação longe de justificar o conceito que reduz a sociologia a mero corolário da psicologia individual, porá, ao contrário em relêvo a independência relativa dêsses dois mundos e dessas duas ciências.

Embora esse dilema se apresente para Durkheim (1970) ao fundar o campo da Sociologia, neste estudo, a prioridade foi a abordagem sociológica, buscando compreender as representações dos corpos no trabalho, suas manifestações e práticas coletivas. Procuramos entender o corpo do trabalhador e suas representações sociais, que dão identidade para o grupo, proporcionando a compreensão das experiências corporais e, assim do aprendizado das técnicas corporais dos trabalhadores.

Capítulo VI - O TRABALHADOR RECONHECE SEU CORPO

Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

(A construção – Chico Buarque).

Segundo Foucault (2008, p. 118), o corpo em seu trabalho pode ser considerado um corpo dócil e disciplinado, eficiente no exercício de sua função, objeto de investimento da sociedade e detido pelo poder através do que ele define como disciplina:

A modalidade enfim: implica numa coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas”.

A disciplina a que o corpo é submetido é um processo da configuração atual, que mantém uma cultura corporal impressa nos trabalhadores, manifestada pela docilidade definida pelo padrão social e cultural, exercendo coerção sobre os hábitos corporais. Uma realidade social a que os corpos representam, cada trabalhador dentro do seu perfil social expressa sua dimensão do trabalho (ANTUNES, 2001).

Nesse momento, os apontamentos teóricos serão para refletir o trabalho na perspectiva do presente, procurando fornecer subsídios para entender os corpos trabalhadores ao se depararem com o enfraquecimento salarial, que leva à exclusão

de grandes contingentes, atingindo toda a sociedade e principalmente a vida dos trabalhadores (CASTEL, 1998, p. 495).

Observando a “nova questão social” do trabalho, ressaltam-se as questões sobre o enfraquecimento salarial, tendo como consequência, o desemprego, a terceirização do trabalho e a dessindicalização. As mutações vêm ocorrendo na esfera do capital e, assim, traçando perfis de trabalhadores, uma nova configuração que encaminha para a privatização, trazendo incertezas para o mundo do trabalho.

Se, entretanto, inicialmente se deu uma forte absorção, pelo setor de serviços, daquele (as) que se desempregavam do mundo industrial, é necessário acrescentar que as mutações organizacionais, tecnológicas e de gestão também afetaram fortemente o mundo do trabalho nos serviços, que cada vez mais se submetem à racionalidade do capital e à lógica dos mercados. Como exemplos, poderíamos lembrar a enorme redução do contingente de trabalhadores bancários no Brasil dos anos de 1990, em função da reestruturação do setor, ou ainda daqueles serviços públicos que foram privatizados e que geraram enorme desemprego (ANTUNES; ALVES, 2004, p. 338).

No entanto a nova configuração social concede ao patrão o poder de tomar algumas decisões quanto aos seus funcionários, delegando funções de controle a inspetores do trabalho, criando um distanciamento entre patrão e empregado. Assim, os direitos trabalhistas começam a ser contestados, e o progresso obtido começa a se arruinar. “O que denuncia não é tanto que o Estado faça demais, mas principalmente que faça mal o que deve fazer” (CASTEL, 1998, p. 504).

Ao “deixar de fazer”, o Estado vai se tornando passivo, deixando os indivíduos vulneráveis aos riscos que vão aparecendo com o desenvolvimento industrial. Os perigos cercam os trabalhadores por todos os lados: há as situações de desemprego e, ainda, aquelas de empregos com baixa remuneração, o que gera insegurança e incertezas no seu dia-a-dia.

A nova configuração social de emprego exige novas ações do Estado, devido às exigências da política interna e externa que exigem uma maior produção e competitividade. A concorrência vai alterando a posição do Estado. Conforme Castel (1998, p. 512),

as regras do jogo mudaram desde o começo da década de 70. Por exemplo, ao invés de os Estados europeus importarem mão-de-obra imigrante, que fazem trabalhar segundo suas condições, encontram-se em concorrência num mercado de trabalho mundializado, com zonas geográficas onde a mão-de-obra é barata.

O Estado privatizou-se, em consequência enfraqueceu-se com a potencialização do mercado de trabalho mundializado. O trabalho aos poucos vai ficando precário e com isso ocorre a desestabilização dos estáveis.

Uma noção ampliada de classe trabalhadora inclui, então, todos aqueles e aquelas que *vendem sua força de trabalho em troca de salário*, incorporando, além do proletariado industrial, dos assalariados do setor de serviços, também o proletariado rural, que vende sua força de trabalho para o capital (ANTUNES, 1999, p. 103).

Com a metamorfose e a mundialização do mercado de trabalho, a classe trabalhadora se constrói a partir da venda de sua força. Essa atitude leva a uma definição de “classe-que-vive-do-trabalho” como aquela que inclui tanto os que estão produzindo, quanto os não produtores.

A mutação que vem ocorrendo no mundo do trabalho tem sua dimensão social. Compreender o corpo do trabalhador na perspectiva da venda da sua força de trabalho, da eficiência de seus gestos corporais na indústria, remete a um grande envolvimento com a nova configuração da “classe-que-vive-do-trabalho”, e com as representações desses corpos frente às metamorfoses do trabalho.

O trabalho capitalista coloca o trabalhador em perfis, classificando-o como produtivo e improdutivo. No entanto, o que é preciso ser compreendido na relação com a produção do capital, é o rendimento da atividade, ou seja, a permanência dessa atividade para o polo capitalista. Intensificando, a atividade e explorando a força de trabalho, os corpos operários mantêm a eficiência e assim deixam de ser identificados como “improdutivos”, passando a “forçadamente” produtivos (ANTUNES, 1999).

É por essa trilha teórica que tomamos a direção para entender o corpo do trabalhador: na compreensão da classe trabalhadora: o que acontece no interior da

fábrica marca seu corpo, desde os perfis traçados pelo sistema de trabalho à alienação corporal, ao aprendizado e mecanização da técnica manifestada; o modo pelo qual são controlados pela ordem social, sendo assim considerados eficientes para se manterem no perfil de trabalhador em que a sociedade industrial os classifica.

Mediante a reflexão de Antunes e Alves (2004), em que destacam a venda da força de trabalho ao capital, ou seja, a submissão desse corpo e dessa força ao capital é identificada como o trabalho que forma o capital, é possível compreender como o trabalho se inscreve no corpo. O capital usufrui dessa força para atender a uma produção exigida e desejável pelo processo de produção, que é destacado pela submissão e docilidade do corpo ao processo capitalista.

A questão da exploração e alienação corporal no trabalho capitalista ocorre não só pelas condições de trabalho, tais como a insalubridade, repetição extenuante de movimentos, jornadas de trabalho insuportáveis, mas no fato de que no capitalismo o trabalhador não tem como usufruir os objetos que produz. As condições dentro da fábrica (impossíveis de serem desconsideradas) são, além disso, secundárias se comparadas com a totalidade do modo de produção que, por fim, acaba determinando diretamente as características das rotinas de trabalho citadas (HEROLD JUNIOR, 2008, p. 107).

A alienação corporal no trabalho capitalista, pode ser dada no momento em que os corpos na fábrica executam movimentos extenuantes, determinados no interior da fábrica “por eles mesmos”. Quanto mais produzem e rendem para a produção capitalista, mais repetirão com maior velocidade sua técnica corporal para atender às exigências do processo de produção capitalista, como se esses corpos não soubessem que eles determinam esse controle.

Portanto a compreensão dos corpos trabalhadores na perspectiva da eficiência do seu movimento no trabalho tem extrema importância. Esses movimentos expressam as exigências de uma ordem social que disciplina os indivíduos, que os força ao trabalho para manterem a produção do capital e que conseqüentemente os aliena.

A alienação decorre à medida que o indivíduo pertencente à classe-que-vive-do-trabalho é impelido a executar as técnicas de trabalho, das quais não sabe explicar como e para que as executam.

Diante dessa questão retratada, procuramos entender a configuração atual e, assim, os corpos que trabalham na empresa de Piracicaba. Redirecionaremos, neste capítulo a pergunta que fizemos para os nossos informantes: “Como os trabalhadores percebem seu corpo”?

A informante K, a única que conseguimos entrevistar do terceiro turno, disse: “Percebo, assim, que por trabalhar à noite eu acho que cansa mais e outra com o passar dos anos eu acho assim que, eu envelheci mais, vou envelhecendo, vai ficando mais fácil. É mais difícil pra você perder peso, você ganha peso com uma facilidade enorme, mesmo que você não coma durante o dia seu metabolismo fica meio lento. E agora que eu não estou fazendo exercício como o parte tá sentindo falta, qualquer coisa dói, não tem nada de músculo para estar protegendo”.

Essa fala foi representativa porque partiu de uma trabalhadora há nove anos nessa empresa, sendo que há oito anos ele trabalhando no terceiro turno, que demandava outras exigências do corpo. Então como ela diz “hoje estou acostumada”, mas que percebi as mudanças que o turno trouxe para o seu corpo.

Nos corpos estão inscritos os signos do espaço social, que se manifestam em suas práticas, dando sentido à condição social. Desse modo, o contexto social tem seus símbolos, que marcam seus grupos e os caracterizam pelos diferentes estilos de vida (BOURDIEU, 1990).

O espaço social proporciona aos grupos *habitus* que foram sendo construídos de acordo com seus pontos de vista e estilos de vida, em uma relação de interdependência, que se abre à individualidade dos corpos dentro de um processo social, permitindo aos trabalhadores compreenderem seu corpo como uma construção social.

O corpo dessa trabalhadora foi se constituindo no cotidiano fabril do terceiro turno, o *habitus* corporal podemos perceber nas mudanças do seu estilo de vida. Seu corpo cansa mais e tem dificuldades para perder peso, ela percebe que seu metabolismo não é o mesmo.

A informante C já teve mais dificuldades para responder a essa questão. Ela não soube se explicar e perguntou se era para falar das dores. “Mas logicamente o cansaço do trabalho, porque eu fico mais estressada. Eu chego em casa e quero

matar as crianças, qualquer coisinha que eles fazem eu quero matar todo mundo, os cachorros. E lógico que parece que as dores aumentam. Quando tá estressado, parece que a dor aumenta. E eu percebo quando eu estou trabalhando em um produto novo, que eu sei que tenho que forçar mais a minha mente lá, inclusive eu estou aprendendo um processo novo. Eu chego em casa mais estressada, dói mais meu olho, minha cabeça, porque eu preciso fixar muito naquele bendito fio, é muito fio pra mim separar... Então, eu percebo que eu chego em casa mais estressada, quando eu estou nesse processo de aprendizado que é um produto novo”.

A concepção de corpo dessa trabalhadora é que o trabalho é a dimensão de sua vida. Ao passar por um processo de aprendizado novo, ela desafia ela mesma, ela quer saber fazer o processo não importa como. Importante é fazer até o final do processo. Sua preocupação é a de “fixar os olhos nos fios para separá-los sem erros”. Barato (2004, p. 87) orienta para o ensino de processos que:

Convém reparar que as atividades abrangidas podem ou não envolver processos motores finos. Todas exigem execução, seqüenciamento de operações, automaticidade no nível da perícia. Todas exigem um jogo de representação que tem perfis equivalentes. Em outras palavras, exigem um fazer cujas regras são as mesmas, pouco importando o conteúdo específico ou a área do saber.

As ações que os trabalhadores se colocam à frente podem ser ações que as máquinas realizam, eles repetem o mesmo movimento durante todo o período de trabalho, levando à automatização dos gestos corporais e também em uma técnica eficaz.

Esse é um discurso sobre a técnica do trabalhador, que é característica para que possa existir no trabalho, construída coletivamente e inscrita em seu corpo. Para explicar esse discurso da técnica, concepções de corpo podem trazer respostas e/ou entendimento.

Volto a insistir na idéia de que o objetivo final do ensino-aprendizagem de técnicas é o conhecimento (representações internas, sintéticas e não-verbais, construídas pelo aluno), não o desempenho ou a capacidade de produzir informações. O

desempenho pode ser um mecanismo de construção do conhecimento, um indicador do conhecimento já construído pelo aluno ou uma referência objetiva daquilo que se "cobra" do profissional no mercado de trabalho. Em qualquer dessas situações, ele é um meio, não um fim (BARATO, 2003, p. 211).

Segundo o Informante J: “Eu percebo ele (meu corpo) bom hoje, nas atividades profissionais e fora né?! O que me ajuda a complementar a Ginástica Laboral é a prática da atividade física fora da empresa, isso eu acho que me ajuda muito”.

“Em parte de produtividade não muda muito, porque igual eu falei para você, eu vou fazer o que o meu corpo aguenta, eu não forço muito além do normal. Se o corpo se sente bem, eu sinto bem em trabalhar! A gente segue certas regras que a firma pede, como a Ginástica que a firma adotou. A gente tem que seguir, mesmo alguns encarregados achar que isso aí é besteira, porque ele não faz” (Informante G).

Como Mauss (1974, p. 232) nos faz entender o corpo como nosso instrumento, o informante G soube como lidar com seu instrumento. No trabalho ele utilizava suas técnicas corporais, já educadas e hoje representadas socialmente. “Acredito que a educação fundamental de todas essas técnicas corporais consiste em fazer adaptar o corpo a seu emprego”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa é fruto das minhas experiências como professora de Ginástica Laboral em uma empresa multinacional de Piracicaba.

Gostaria que esta dissertação fosse lida com toda sensibilidade, caro leitor, porque foi assim que eu olhei para o corpo do trabalhador, desde as conversas na entrada da fábrica, nos corredores, até as observações dos corpos-máquina que eu via na frente das máquinas industriais, desenvolvendo suas técnicas ou em círculo, em volta de mim, no início das aulas de Ginástica Laboral.

Meus momentos de observação eram únicos, minhas conversas com os trabalhadores eram verdadeiras “descobertas”. E aí foi surgindo a necessidade de compreender os corpos dos trabalhadores e, para isso, mergulhei nas literaturas das Ciências Sociais.

Eu sentia o olhar diferente, mas não sabia o porquê. Com as reflexões sociológicas, meu papel como professora de Educação Física mudou, pois passei a entender os corpos e o grupo de trabalhadores para quem eu ministrava aulas de Ginástica Laboral.

Esse momento foi muito intenso. Comecei a compreender que cada corpo trabalhador traz consigo experiências inscritas nele, marcas, signos ressignificados e representados socialmente. Passando pelos setores dentro da empresa, conseguia perceber as diferenças dos grupos, a maneira de se vestirem, comportarem-se e, muitas vezes, de agirem de forma característica em cada setor.

E a técnica e os gestos corporais dos trabalhadores?

Eles me fascinavam, principalmente quando relatados pelos trabalhadores. Inquietavam-me seus movimentos controlados rigorosamente e extenuados em sua posição e repetição. Sabiam “fazer” a técnica de trabalho e nem sabiam como. Era um aprendizado pelo olhar e pela prática, ou seja, pela lida diária.

Fui vivenciando cada um desses momentos, sem medo do que ia ouvir ou ver na empresa e entreguei-me às histórias de cada corpo no trabalho. Queria um pouco mais.

Gostaria de ter registrado as imagens dos trabalhadores no seu contexto fabril. Infelizmente não pude, frente à inflexibilidade da “nova gerente administrativa”, talvez afrontada pelo fato de que eu ouviria a narração das histórias e experiências

no trabalho. Medo do que os trabalhadores falariam da indústria que ela administrava?

Só ela poderia me responder a essas questões, mas a autorização não foi permitida e ela não quis mais contatos. Sem entrevistas dentro da fábrica e muito menos filmagens ou imagens.

A minha inquietação foi ainda maior depois desses impasses. Mudar de empresa? Não, minha experiência e todas as minhas observações aconteceram nessa indústria e com esses trabalhadores, quando Iniciei meu trabalho na área de Educação Física, com a Ginástica Laboral.

Inquietava-me o trato com o corpo, mas meus olhares iam sempre muito além dos objetivos da Ginástica Laboral, buscando compreender quem é esse corpo no trabalho. Com nossa concepção de corpo, também classificamos os trabalhadores de acordo com observações, como agente socializadores, como nos diz Bourdieu (1990, p. 159):

(...) somos capazes de perceber a relação entre as práticas ou representações e as posições no espaço social (como quando adivinhamos a posição social de uma pessoa pela sua maneira de falar). Assim, através do *habitus*, temos um mundo de senso comum, um mundo social que parece evidente.

Nesse sentido, minha pesquisa é original. Não encontrei um corpo saudável, sarado, esportivo, pois o objetivo não se concentrava nos benefícios da Ginástica Laboral, ou nas melhorias na saúde do trabalhador, ou mesmo com a ergonomia, como era esperado pela coordenadora administrativa da empresa. Nosso olhar foi muito além do corpo do trabalhador biológico, fisiológico e saudável.

Encontrei um corpo dolorido pelo trabalho.

Mesmo com um olhar neófito em contato com a Sociologia, fui estudar Educação Física sob a ótica das Ciências Sociais. Assim busquei entender a construção do corpo no contexto da fábrica, bem como dos gestos e das técnicas corporais e suas representações sociais. Apesar de sofrer resistência da empresa, concluí a pesquisa de campo, observando que, na área das Ciências Humanas e Sociais, há percalços a serem superados durante os estudos.

A busca foi, assim, incansável para encontrar o nosso objeto de pesquisa, o corpo do trabalhador.

Nossa vontade era abandonar as preocupações positivistas encaminhadas pela empresa e constituídas na modernidade, para contemplar o corpo do trabalhador como seu principal instrumento de trabalho, para além do orgânico. Para isso suas histórias e experiências corporais foram recolhidas.

Esse encontro com os trabalhadores permitiu o entendimento das observações feitas, ao vê-los dentro da fábrica, ao lado de um maquinário que quase deixava seus corpos passarem despercebidos. E as narrativas mostram as experiências corporais e representações sociais que os marcaram, inscrevendo o trabalho nos corpos de diferentes maneiras, concebendo-os.

Não encontramos muitas pesquisas que tratassem o corpo do trabalhador na perspectiva da Motricidade Humana, por isso nos apoiamos em autores da Sociologia, longe dos parâmetros biologizantes que marcam o campo da saúde. Essa foi a principal angústia e ao mesmo tempo disponibilidade para estudarmos as concepções desses corpos trabalhadores.

Este foi um estudo exploratório, cujos resultados podem abrir possibilidades de novas pesquisas que tratem, por exemplo, da relação entre as experiências corporais no trabalho e no ócio; do prazer ou desprazer corporal durante o trabalho; dos espaços ocupados pelo trabalho nas experiências corporais de diferentes trabalhadores.

Assim, nossa pesquisa pretende mostrar as contribuições das Ciências Sociais para a Educação Física e convidar para novos estudos, novos aparatos teóricos, que valorizem o corpo do trabalhador e dêem destaque às suas representações sociais. Procuramos entendê-las em uma configuração social e naquele contexto observado, partindo de um sensível olhar nas observações das manifestações corporais dos trabalhadores.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.

_____. & ALVES, G. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004.

BARATO, J. N. **Educação profissional: saberes do ócio ou saberes do trabalho**. São Paulo: Senac, 2004.

BOLTANSKI, L. **As classes sociais e o corpo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990a.

BOUDIEU, P. O camponês e seu corpo. **Revista Sociologia Política**, n. 26, p. 83 – 92, junho, 2006b.

DURKHEIM, E. **Sociologia e filosofia**. 2ª ed. São Paulo: Forense, 1970.

CAÑETE, I. **Humanização: desafio da empresa moderna: a ginástica laboral como caminho**. São Paulo: Ícone, 2001.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CORBIN, A. Dores, sofrimentos e misérias do corpo. In: COURTINE, J. J; VIGARELLO, G, (Org.). **História do corpo - 2: da revolução à grande guerra**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 267 – 343.

CLIFFORD, G. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DEUTSCH, S. **Atitude dos trabalhadores de indústria têxteis quanto prática da atividade física no tempo livre**. São Paulo: Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo, 1991, 76p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós – Graduação de Educação Física da Universidade de São Paulo, 1991.

DURKHEIM, E. **Sociologia e filosofia**. 2 ed. São Paulo: Forense, 1970.

ELIANA, T. T. **O desenvolvimento de Piracicaba: histórias e perspectivas**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2001.

ELIAS, N. (Org.). **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994a.

ELIAS, N. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1993b, v.1.

RODRIGUES, J. C. Os corpos na antropologia. In: MINAYO, M. C. S; COIMBRA, C. E. A. (Org.). **Críticas e atuantes: ciências sociais e humanas em saúde na América latina**. Rio de janeiro: Fiocruz, p. 157 – 182, 2005.

SALEM, T. Entrevistando famílias: notas sobre o trabalho de campo. NUNES, O. E. (Org.). **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. p. 47 – 64.

ANEXO I

Questionário sócio-cultural

1. Idade

- () 18 anos
- () Entre 19 a 28 anos
- () Entre 29 a 38 anos
- () Entre 39 a 48 anos
- () Entre 49 a 58 anos
- () Entre 59 a 68 anos
- () 69 anos ou mais

2. Sexo

- () Masculino
- () Feminino

3. Escolaridade

- () Ensino fundamental
- () Ensino médio
- () Ensino superior
- () Concluído
- () Não concluído

4. Estado civil

- () Solteiro (a)
- () Casado (a)
- () Separado (a)/ divorciado (a)/ desquitado (a)
- () Viúvo (a)
- () União estável

5. Religião:

6. Função na empresa:

7. Tempo de trabalho na empresa:

8. Qual foi sua ocupação anterior?

9. Quantos contribuem para a renda familiar?

10.Renda familiar

- | | |
|--|--|
| ☐ Até 1 salário mínimo | ☐ De 1 a 2 salários mínimos |
| ☐ De 2 a 4 salários mínimos | ☐ De 4 a 6 salários mínimos |
| ☐ De 6 a 8 salários mínimos | ☐ + de 8 salários mínimos |

11.Moradia

- ☐ Casa própria
- ☐ Alugada
- ☐ Cedida
- ☐ Financiada

12. Quanto tempo mora em Piracicaba?

ANEXO II

Tópicos a serem tratados na entrevista

1. Aprendizagem
2. Treinamento
3. Eficiência
4. Máquina
5. Controle do trabalho
6. Segurança no trabalho
7. Dores no corpo
8. Cansaço
9. Sono no trabalho
10. Ginástica Laboral
11. Reposição das forças / Repouso
12. Saúde / doença
13. Palavra aberta

Como você percebe seu corpo?

APÊNDICE I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: O corpo do trabalhador

Pesquisador (es) Responsável (is) : Prof^a. Viviane dos Santos Ferreira Lima e Prof^a. Dr^a. Leila Marrach Basto De Albuquerque

Telefone para contato (inclusive ligações a cobrar): (19) 3371- 9037 / (19) 8230- 8119 / (19) 9249- 9092

Para esta pesquisa, vou lhe pedir informações através de questionário, de entrevistas e também vou filmar os funcionários e funcionárias durante a execução de suas tarefas nesta empresa.

As informações fornecidas possibilitarão sua participação voluntária neste estudo, que tem por objetivo compreender como você sente o seu corpo em diferentes circunstâncias: como trabalhador, na eficiência de seu trabalho, nas horas de descanso, nas questões ligadas à saúde e à doença e nos momentos de lazer.

Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento; sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição

Como essa pesquisa necessita de filmagens e da narração de suas experiências, sua identidade não será exposta, as informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais, assegurando total sigilo sobre sua participação.

Os benefícios que os trabalhadores obterão ao participar da pesquisa são, em torno da compreensão que eles terão de seu corpo no interior da fábrica e/ou fora dela. Caso você tenha interesse nos resultados da pesquisa, os mesmos lhe serão fornecidos pela Prof^a. Viviane dos Santos Ferreira Lima e pela Prof^a. Dr^a. Leila Marrach Basto De Albuquerque.

Para sua participação neste estudo, não haverá despesas pessoais, não ocorrerá problemas em seu ambiente de trabalho, assim como não há compensação financeira ao contribuir com sua participação.

Os dados e resultados obtidos no decorrer da pesquisa que será desenvolvida em até 12 meses, serão utilizados somente para a mesma.

Prof^a. Viviane dos Santos Ferreira Lima

Data / /

Prof^a. Dr^a. Leila Marrach Basto de Albuquerque

Data / /

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo “O CORPO DO TRABALHADOR”, como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, das observações, gravações e filmagens, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Garantindo-me que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local _____

Assinatura

Data / /

APENDICE II

AUTORIZAÇÃO

Autorizo Viviane dos Santos Ferreira Lima a coletar os dados necessários para a sua pesquisa de mestrado, intitulada “O corpo do trabalhador”, entre os funcionários dos setores de costura, termofixação, acabamento e tecelagem durante o horário de trabalho. Eles serão observados, filmados e entrevistados, procurando ocupá-los o menor tempo possível.

Data / /

APÊNDICE III

Rio Claro, 02 de setembro de 2011.

Profa. Dra. Rosa Maria Feitero Cavalari
DD. Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa
Instituto de Biociências
UNESP – Rio Claro.

Senhora Coordenadora,

Encaminho, através deste, informações relativas às alterações nos procedimentos metodológicos do meu projeto de dissertação “O corpo do trabalhador”, orientado pela professora Leila Marrach Basto de Albuquerque. Inicialmente, a coleta de dados seria feita através de aplicação de questionário, entrevista e filmagens dos trabalhadores da empresa multinacional, em Piracicaba/SP, no próprio local de trabalho. Porém, diante da negativa de acesso aos informantes, por parte dos dirigentes da empresa, e aconselhada pelos professores que participaram da banca do Exame de Qualificação, optei por abandonar as filmagens e questionário e alterar a estratégia de abordagem desses trabalhadores, entrevistando-os fora do local de trabalho.

Cordialmente,

Viviane dos Santos Ferreira Lima